



UNILAB

Universidade da Integração Internacional
da Lusofonia Afro-Brasileira

INSTITUTO DE HUMANIDADES

CURSO DE SOCIOLOGIA

Lucas Eduardo de Sousa

**ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COMO DIREITO:
QUILOMBOLAS E A SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS TEMPORAIS - O
EDITAL ESPECÍFICO DA UNILAB - CE COMO FERRAMENTA DE
INCLUSÃO**

ACARAPE-CE

2024

LUCAS EDUARDO DE SOUSA

**ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COMO DIREITO:
QUILOMBOLAS E A SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS TEMPORAIS - O
EDITAL ESPECÍFICO DA UNILAB - CE COMO FERRAMENTA DE
INCLUSÃO**

Monografia apresentada à banca examinadora, como parte dos requisitos para a aprovação na disciplina de TCC II e obtenção do título de licenciado em sociologia.

Orientador: Profa. Dra. Joana Elisa Rower

ACARAPE-CE

2024

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Sousa, Lucas Eduardo de.

S725a

Acesso e permanência no ensino superior como direito: quilombolas e a superação das barreiras temporais - o edital específico da Unilab - CE como ferramenta de inclusão / Lucas Eduardo de Sousa. - Redenção, 2024.
52f: il.

Monografia - Curso de Sociologia, Instituto De Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2024.

Orientadora: Proessora Dra. Joana Elisa Röwer.

1. Educação - Ensino Superior - acesso. 2. Ação afirmativa. 3. Educação superior - Permanência. 4. Unilab. I. Título

CE/UF/BSCA

CDD 378.7

LUCAS EDUARDO DE SOUSA

**ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR COMO DIREITO:
QUILOMBOLAS E A SUPERAÇÃO DAS BARREIRAS TEMPORAIS - O
EDITAL ESPECÍFICO DA UNILAB - CE COMO FERRAMENTA DE
INCLUSÃO**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do curso de licenciatura em sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira - UNILAB, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em sociologia.

Aprovada em: 28/11/2024.

. BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Joana Elisa Röwer (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dra. Eliane Costa Santos (Avaliadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Ms. Ana Maria Eugenio da Silva (Avaliadora)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Prof. Ms. Samora Caetano (Avaliador)

Universidade Federal do Ceará - UFC

AGRADECIMENTOS

Inicio agradecendo a Deus como força divina e fortalecimento espiritual na qual fui total dependente durante toda minha graduação, adiante, agradeço aqui também ao meu primo Naldinho Rozeno, que ancestralizou em 2018 e nesse mesmo ano fez uma leitura singela em minha mão e me disse olhando nos meus olhos, que todos os meus caminhos são abertos.

Seguindo, faço como a Professora Megg Ryara (UFPR), em agradecer aos meus ancestrais e aos meus familiares africanos que por ventura não sabem de minha existencia, mas também acredito que em algum lugar da África minhas raízes ainda (r)esistem e continuam a crescer.

A Carolina Maria de Jesus, que fiz de sua obra, o quarto de despejo, uma das minhas orações no processo de construção dessa monografia, todos os dias a lia e como a autora fez em seu trabalho, fui seguindo, pensando em dias melhores e usando da minha escrita como ferramenta de denuncia.

Agradeço a minha mãe naza, que tem o amplo papel de ser mãe, vó, vó e pai em um contexto de desigualdade social e racial, quando minha mãe Maria de fatima de Sousa teve que ir trabalhar em casas de família em Fortaleza para ajudar em meu sustento, por tanto, também sou grato aqui a minha mãe fatinha.

Agradeço as minhas irmãs Samya e Cintia, minha tia Eliene e ao meu padrinho João, por me ajudarem a enfrentar a homofobia no início da minha adolescência, pois isso me tornou alguém forte e capaz de enfrentar a vida e suas nuances de crescimento.

Aos meus tios/as, Marcos, Zezinho, Alberto, Beijamim, Lourdes e Maria, todos/as a sua maneira contribuíram para que eu pudesse trilhar um caminho que me levou a Universidade.

Aos gays, viados, bixas, pretas e brancas que me antecederam, deixo aqui os meus agradecimentos, por existirem e resistirem aos ataques racistas e homofóbicos, aos que tiveram suas vidas seifadas, também deixo aqui minha gratidão por terem existido.

Ao toin (Antonio Roberio), Manu (Manuel Cabral) e ao Edinho (Edson), deixo meus agradecimentos por serem os primeiros gays que tive contanto enquanto criança, e através dos mesmos, pude pensar ser possível existir e viver a minha verdade, em um mundo tão homofóbico e conservador a sua hipocrisia.

Aos/as demais amigos/as, madrinha diva, conceição, max, Poliana, Denilson, Amanda,

Luana e Matheus, gratidão.

A Ana Eugenio, Helena Eugenio, Ana Carla Eugenio, Samora Caetano e aos demais que me ajudaram assiduamente em Redenção/Acarape - CE, ressalto aqui, minha eterna gratidão, vocês contribuíram significativamente para minha permanência na UNILAB.

Aos/as quilombolas, principalmente as meninas (os), Marcia, Sabrina, Manu e Lucas, que estão na comição de frente sobre a bolsa permanência dentre outras questões, deixo aqui minha gratidão.

Aos meus amigos e amigas, Rayla, Jacyeli, Leandro, Talia e vitoria, que conheci durante esse percurso, também deixo aqui os meus sinceros e cordeias agradecimentos.

As ações na qual fiz parte na UNILAB, Centro Academico de Sociologia, projeto dialogando nas escolas, PIBID, clinica da saudade e a casa encantada, também sou grato, pois em todos e sobretudo em um espaço tão segregador, competitivo e capacitista, como a Universidade, pude exercer minhas habilidades e competencias, e desse modo, explicitar que sou capaz e tenho em mim a constante vontade de aprender e ensinar de forma confluyente.

Ao movimento Negro Unificado, movimento quilombola e ao movimento LGBTQIAPN+, sou grato, por lutarem diariamente por melhorias e questões que precisam de atenção e espaço sobretudo na imersão academica.

A minha orientadora, professora Dra Joana Elisa Rower, que desde o inicio quando eu a convidei para me ajudar na construção dessa monografia, compreendeu a proposta da pesquisa e o desafio do trabalho, e me incentivou de forma assidua nesse processo, a mesma também agradeço, por me compreender em momentos na qual fui ausente, e sempre de forma sensível e responsável respeitou minhas perspectivas e questões.

Aos professores e professoras do colegiado de sociologia e os demais colegiados na qual tive aula, onde tive um contanto simbolico e parcial, podendo assim fabular mundos possiveis, obrigado.

As pessoas na qual encaminhei os formularios de pesquisa online, que de maneira generosa me ajudaram no processo de construção dessa monografia para apresentação da mesma, a vocês sou imensamente grato.

RESUMO

A presente pesquisa articula-se na análise dos processos de ingresso da UNILAB voltados para os quilombolas e indígena (sendo os quilombolas o foco da pesquisa), processos esses que iniciaram através do edital específico Nº 33/2017, criado mediante a autonomia universitária, por pressão de um quilombola que estudava na UNILAB, que ganhou força durante o 17º encontro estadual das comunidades quilombolas do Ceará, acontecido no Quilombo Sitio Veiga/ Quixadá – CE, em outubro de 2017. Assim, o vigente trabalho tem cunho bibliográfico, com foco na busca de artigos e outras pesquisas de autores que se dedicam a definir conceitos de políticas públicas, políticas públicas específicas e diversas, e o conceito de ação afirmativa. Foi Utilizado uma abordagem qualitativa e quantitativa, assim a pesquisa avançou com o uso do Google Forms. Desse modo, foram coletados dados através da aplicação de três questionários para analisar a percepção dos quilombolas em relação a seu ingresso na Universidade, a eficácia do edital específico para quilombolas e quais as contribuições dos (as) quilombolas na dinâmica acadêmica. A pesquisa está dividida em dez partes de modo a explicar de forma especificada as experiências dos estudantes quilombolas na UNILAB, desse modo são três capítulos onde têm como títulos, o que pensamos sobre a universidade em relação ao nosso ingresso na mesma, quais contribuições os estudantes quilombolas tem alicerçado e participado dentro do espaço acadêmico? e ingresso de discentes quilombolas no ensino superior (UNILAB - CE). Como ponderação teórica, utilizei de autores como Gomes (2017), Silva (2021) e Ferreira (2022), para assim conceituar políticas públicas, ações afirmativas e o contexto de negação da educação para grupos historicamente marginalizados. Diante disso, o trabalho abarcou diversas questões na problemática sobre o cancelamento do edital específico para quilombolas e indígenas, tais como, o ingresso de forma massiva dos mesmos com o do edital específico, desafio dos mesmos em relação ao capacitismo em determinados momentos do cotidiano na Universidade e as suas contribuições na imersão acadêmica, como forma de se contra por, indiretamente ao imaginário capacitista de que os quilombolas e indígenas atrasaria os (as) estudantes não quilombolas e indígenas ingressantes sobre outras modalidades, no processo de aprendizagem. Desse modo, tendo como resultado o impacto das ações afirmativas da UNILAB - CE, bem como o resultado positivo em relação ao ingresso dos quilombolas de forma massiva mediante ao edital específico mencionado no início, e suas comendas advindas das ações afirmativas, sendo elas as ações afirmativas de forma legitimada, que foram pensadas principalmente pelos coletivos presentes na UNILAB, sendo um dos protagonistas o coletivo Quilombola.

Palavras-chave: Acesso ao ensino superior, ação afirmativa, permanência, UNILAB.

ABSTRACT

This research focuses on analyzing the admission processes at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) targeted at quilombola and indigenous students, with a primary focus on the quilombola population. These processes began through a specific public call (edital) initiated under university autonomy and driven by pressure from the few quilombola students enrolled at UNILAB. This movement gained momentum during the 17th State Meeting of Quilombola Communities of Ceará, held at Quilombo Sítio Veiga in Quixadá-CE, in October 2017. The study adopts a bibliographic approach, emphasizing the examination of articles and other research works that define concepts related to public policies, specific and diverse public policies, and affirmative action. Employing both qualitative and quantitative methodologies, the research progressed using Google Forms to collect data. Three questionnaires were applied to analyze the perceptions of quilombola students regarding their university admission, the effectiveness of a specific public call for quilombolas, and their contributions to the academic dynamic. The research is structured into four chapters to detail the experiences of quilombola students at UNILAB, covering topics such as public policy concepts, diverse and specific public policies, affirmative action, the public call for quilombola and indigenous students, the challenges faced by quilombolas at UNILAB, and their contributions to academic immersion. Theoretical reflections are supported by authors such as Gomes (2017), Silva (2021), and Ferreira (2022), who conceptualize public policies, affirmative actions, and the historical context of educational exclusion faced by marginalized groups. The study addresses various issues concerning the cancellation of the specific public call for quilombola and indigenous students, highlighting their massive admission through this policy, challenges related to ableism encountered in everyday university life, and their contributions to academic immersion, countering stereotypes and assumptions that quilombola and indigenous students might hinder other students' learning processes in diverse admission modalities.

Keywords: Access to higher education, affirmative action, retention, UNILAB.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEKUC	Coletivo de Estudantes Kilombolas da UNILAB Ceará
E	
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PIBID	O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PRP	Programa de Residência Pedagógica
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SISURE	Sistema de Seleção Utilizando os Resultados do Enem
STF	Supremo Tribunal Federal
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

SUMÁRIO

1.Introdução	11
2. Políticas Públicas/específicas/diversidade e ações afirmativas.....	17
3. Edital específico para quilombolas e indígenas	19
4. Desafios enfrentados pelos quilombolas no ensino superior – Do capacitismo a negação constante em subsolo universitário	24
5. Metodologia	26
6. O que pensamos sobre a universidade em relação ao nosso ingresso na mesma....	28
6.1 A voz dos (as) quilombolas e suas percepções sobre a UNILAB	28
7. Quilombolas na Educação – Corpos pedagógicos	30
8. Aquilombamento Acadêmico – Educação performada pela luta e resistência	32
9. Aquilombando no Kilombo Ana Eugenia em Redenção e posteriormente em Acarape – Relato de experiencia coletiva	37
10. QUAIS CONTRIBUIÇÕES OS ESTUDANTES QUILOMBOLAS TEM ALICERÇADO E PARTICIPADO DENTRO DO ESPAÇO ACADÊMICO?	40
9.1 Atuação dos/as quilombolas em projetos na UNILAB	41
11. INGRESSO DE DISCENTES QUILOMBOLAS NO ENSINO SUPERIOR (UNILAB).....	41
12. Considerações Finais	48
13. Referências	49
14. APENDICE A - Questionário sobre quais comunidades estão presentes na UNILAB – CE de 2018.1 até 2024.1 e quais as formas ingressos dos quilombolas na mesma.....	51

1 INTRODUÇÃO

Precisamos sair de uma lógica de estereotipação do povo quilombola, deixar de vê-los apenas na visão populário, de descendentes de escravizados, pessoas sofridas, pois muitos pesquisadores quando iam para o Quilombo sítio Veiga, ou qualquer outro quilombo do Brasil, iam buscar informações nossas, de enriquecimento apenas para seus currículos. Em determinados momentos, nós participávamos de momentos de atividades em universidades que tinha em seu início a mesa preparada para a abertura das atividades, mas antes de iniciar, tinha o momento de entretenimento, e quem fazia essa parte éramos nós, tocávamos tambor, pandeiro e batuque e berimbau, fazíamos a apresentação inicial, e quando ia começar a parte intelectual, todo mundo (nós quilombolas) se retirávamos, e os brancos assumiam o lugar da intelectualidade na mesa, porque o intelecto é uma qualidade do ser humano, e como a humanidade é vinculada a branquitude, nós que não fazemos partes desse meio somos destituídos dessa humanidade.

ao contrário do que a história nos faz acreditar, nós pensamos e produzimos conhecimento há muito tempo. nossa ancestralidade é viva e nossos passos são longos. passamos por um processo intenso de acumulação epistêmica no continente africano, onde nossos ancestrais produziram muito conhecimento. ter quilombolas na universidade é importante porque, ao retornarmos ao quilombo, ensinamos aos que ficaram, especialmente às crianças que estudam em escolas que não falam corretamente sobre nós e nossa história. quando ensinamos sobre nossos ancestrais, essas crianças aprendem que não descendem apenas de escravizados; sua história começa muito antes, numa posição de potência. assim, essas crianças passam a se ver como potentes e podem sonhar com um mundo poderoso para si mesmas.

Esse cenário muda, ainda que tardiamente, de forma forte e significativa. Como uma forma de comemoração, mas também de denúncia, Ana Eugênio se torna a primeira formada do Quilombo Sítio Veiga, seguida de ser a primeira mestrande/MESTRA e, posteriormente, a primeira doutora. Com ela, nós, os calouros do quilombo que ingressamos na universidade, assumimos o papel de desmistificar e desfazer os estereótipos associados à nossa imagem. Enfrentamos os demarcadores coloniais que destacam a baixa intelectualidade e o conhecimento em geral dos quilombolas. Apesar de termos nossa própria epistemologia, a academia ainda tem dificuldade em reconhecê-la como uma ciência que contribui para a sociedade.

O acesso ao ensino educacional, em específico ao ensino superior, foi algo negado e renegado aos grupos historicamente colocados de lado durante muito tempo, tendo em vista que ainda há muito ao que ser mudado, levando em consideração que tem regiões e locais na qual a educação ainda não chega e sua precarização ainda assola sobre vidas, rumos e predestinações de pessoas na sociedade brasileira. Fazer essa releitura da realidade árdua desses grupos minoritários no espaço da educação é algo de suma importância para a compreensão do porquê que o ensino superior ainda é algo distante das comunidades quilombolas como um todo.

O direito ao acesso e a permanência no ensino superior é algo que vem sendo discutido durante muito tempo por grupos que travam uma luta histórica no contexto brasileiro, na busca incessante que o cenário das instituições de ensino seja não brandamente mudado, mas sim com barulho, na busca por obter respostas significativas diante de nossos alarmes, como forma de explicitar ao Brasil que embora se tenha políticas públicas, determinados grupos, ainda continuam sem acesso e assecuração de seus direitos, deixando de lado assim a possibilidade de seu ingresso no ensino superior.

As dificuldades no processo de implementação de uma política de ação afirmativa dentro do contexto da UNILAB é algo que tem sido tensionada pelo movimento quilombola interno a mesma, na busca por respostas e retornos que modifiquem a situação atual como é o caso do cancelamento do edital específico para quilombolas e indígenas. Sobre as dificuldades temos, destacada, a falta de reconhecimento da importância do edital específico para as comunidades quilombolas e a própria universidade em si, tendo em vista que com a implementação do mesmo, a Universidade caminharia no rumo a construção de outros editais específicos vindo assim a fortalecer o seu papel e sua missão institucional.

A presença dos quilombolas na UNILAB, sai na contra mão das instituições que tem em suas estruturas agentes que não estão em processos constantes de reeducação de suas mentes e percepções em relação as dinâmicas da sociedade, com isso a UNILAB enquanto uma instituição decolonial obriga e institui o campo do ensino superior no Brasil, em diálogo com o continente africano, a reconhecer os quilombolas enquanto sujeitos pertencentes a coletivos diversos, historicamente tratados como inferiores e como desiguais, que diante da ciência sejam reconhecidos como sujeitos, e sujeitos de conhecimento, sujeitos com práticas e experiências que produzem conhecimentos, sujeitos de cultura, sujeitos de política, com nacionalidades, identidades, gênero e sexualidade diversas.

Por tanto, não basta ter o projeto e a missão institucional inscrita, o grande desafio é colocá-lo em prática, e assim seria e será uma das alternativas para o ingresso de estudantes quilombolas no ensino superior em relação a UNILAB. Considerando que a UNILAB está em processo de adaptação de mudanças e questões no reconhecimento de seu papel social, com isso é necessário e urgente discutir em seu interior situações que de fato se encontram e se interligam com sua missão.

A presença dos quilombolas na UNILAB reeduca o espaço, as pontualidades teóricas e radicaliza o ensino para a construção de uma Universidade acolhedora e diversa na sua mais forte expressão em alusão a sua finalidade enquanto instituição de caráter decolonial. Os (as) estudantes quilombolas, ao ingressarem no ensino superior contribui significativamente no processo de agregação na qual as lutas democráticas têm ganhado espaço para ter direito a fala, ao acesso, permanência e conclusão de determinados contextos da vida, como no caso do ensino superior. Muitas dessas lutas democráticas foram construídas por pessoas que não mais estão entre nós, foram pessoas que morreram coerentes com a sua luta democrática e deixaram para nós a herança de uma história de luta e dignidade voltada principalmente ao empenho de mostrar que é possível, que a diversidade racial e a diversidade étnica, as relações Brasil e continente africano são importantes, pois elas são produtoras de conhecimento, produtoras de vida e elas são emancipatórias, a presença dos quilombolas na UNILAB é emancipação, arraigada pela sua diversidade também no gênero, sexualidade, idades e cores.

Analisar o ingresso de estudantes quilombolas na UNILAB por meio do edital específico por outras entradas possíveis é algo que me motivou a pensar sobre quantos de nós quilombolas não tivemos o acesso de forma especificada em nosso contexto de dificuldades desde a criação do sistema de cotas até sua implementação no espaço acadêmico, levando em consideração que nossas comunidades são existentes muito antes de determinadas criações de Universidades em algumas regiões próximas a nós, tendo em vista que durante muito tempo só éramos vistos como fomento para a pesquisa, onde na maioria das vezes a pesquisa não dialogava com nossa visão no cotidiano da comunidade e mesmo assim era vista pelo olhar de fora como algo importante e necessário para o campo de desenvolvimento da ciência. Na disciplina de Metodologia da Pesquisa em Sociologia II é criada com o professor e sobre a cooperação da turma, perguntas que se caminham na construção de sentidos de informações sobre realidades sociais, que na maioria das vezes dizem respeito aos estudantes da Instituição em si. Em um dos momentos da aula, dei a opinião de ser colocado na construção do senso, o tipo de

ingresso, como forma de avaliar quais os métodos de entrada na UNILAB estão sendo mais eficazes para determinados grupos, assim como outras questões, minha opinião foi invalidada e não aceita, pois não havia relevância dentro do campo de disputa do conhecimento.

É importante pontuar que muitas das nossas indagações como quilombolas no ensino superior, é invalidado por ser considerado militância e não “conhecimento”, isso prova que quando eu me disponho a contribuir primeiramente com a garantia do acesso dos meus no ensino superior, consequentemente estou contribuindo no sentido de deslocar o pensamento de pesquisas robóticas que são construídas apenas para a aceitação do que é qualificado enquanto ciência, onde posteriormente será engavetado e guardado e esquecido nos arquivos da Universidade.

A universidade tem medo de nossos corpos presentes pontualmente na sua dinâmica cotidiana, pois somos sujeitos que tensionamos, indagamos, questionamos, incomodamos e fazemos sempre a releitura de situações que na grande maioria das vezes não é vista como algo importante por não ir de encontro metodológico com a ciência, com isso é de urgência nossa deslocar a ciência do seu lugar de aconchego, assim como nós saímos de nossos territórios para enfrentar a dupla jornada da vida, seja ela acadêmica ou não acadêmica.

Um exemplo brando que trago como forma de explicitar a seriedade da construção desse trabalho é que o Quilombo Sitio Veiga, meu Quilombo, de 1906 até 2018 tínhamos apenas uma pessoa que concluiu a graduação, tendo em vista que é uma mulher negra, mãe, que ingressou na Universidade com 40 anos de idade, colocando assim em evidência que por mais que as lutas contra coloniais e decoloniais sejam pretenciosas em mudar as estruturas de poder e desigualdade que tem, ainda não alcançou o seu objetivo, quando a questão é observar por 10 minutos quais corpos e sujeitos são majoritários no ensino superior e sobretudo nas instituições Públicas do Brasil. Porém, embora não mudemos muita coisa, conseguimos fazer trincas, rupturas, abrir brechas e rachaduras e assim, evidenciamos que nossa presença na Universidade é fruto das lutas dos movimentos sociais e sobretudo específicos ao movimento quilombola.

A importância do edital específico de nº 33/2017, sendo esse o primeiro edital, diante de sua implementação e acesso, segue sendo relativamente situada em reuniões com ponderações sobre a sua resolução, enquanto isso, vale compreender que sua demanda reorganiza a estrutura da Universidade em alusão ao seu currículo, corpo docente, corpo discente, técnicos administrativos e outras instancias dentro do espaço

acadêmico. Uma vez que, se tem na UNILAB corpos pedagógicos, em relação as suas vivências e experiências, e que com elas estão dispostos a ensinar o tempo todo, sendo então respeitado com suas especificidades e suas histórias, é de suma significância para as comunidades quilombolas, sobretudo, para aqueles e aquelas quilombolas que ainda não ingressaram na Universidade, fazendo com que ocorra a promoção de fortalecimento de possibilidades reforçados pelo movimento quilombola sobre acesso, permanência e conclusão, dos discentes quilombolas na Universidade, contribuindo com o movimento para alcançar outros frutos para as comunidades do todo o Brasil.

A pesquisa procura identificar a importância do edital específico para quilombolas e indígenas na UNILAB, colocando em evidência as suas contribuições para as comunidades quilombolas já presentes, tendo em vista que a partir da busca e estudo pode-se colocar em pauta formas e maneiras de retomada do edital, sobretudo de forma legitimada, superando assim a ausência de quilombolas na UNILAB, com isso, confirma-se a grande relevância que essa pesquisa denota, para os estudantes da UNILAB, para a UNILAB e para as comunidades que ainda não tem seus quilombolas na Universidade, e a partir disso, ocorra a retomada do edital específico, para que mais quilombolas acessem de forma simbólica e tragam consigo seus conhecimentos e se conflua mutuamente com o conhecimento oferecido pela Universidade.

Dentro da construção do vigente trabalho, o seu objetivo geral se institui em analisar o impacto do edital específico da UNILAB no Ceará como ferramenta de inclusão para o acesso e permanência de estudantes quilombolas e indígenas, no ensino superior, considerando a superação de barreiras históricas e temporais.

Identificar os principais desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas no acesso e permanência no ensino superior no contexto cearense. Examinar como o edital específico da UNILAB contribui para a inclusão educacional de estudantes quilombolas, destacando suas estratégias e alcance. Avaliar o impacto do edital na superação das barreiras históricas e temporais que dificultam a formação acadêmica de quilombolas, a partir das perspectivas de estudantes e gestores.

A pesquisa se discorrera mediante um levantamento com perguntas de caráter ao quantitativo antes, com e pós cancelamento do edital específico, estudo qualitativo e quantitativo, estudo documental, bibliográfico, questionário de perguntas no google forms online, tendo em vista o acesso ao quesito de respostas necessárias para se ter como base a análise de cunho sociológico a um censo demográfico em alusão ao acesso dos quilombolas na UNILAB - CE.

As perguntas voltadas aos quilombolas tem como objetivo explicitar para a comunidade acadêmica mediante as suas respostas pós coleta, a afirmação de que nossa entrada é mais significativa com o edital específico e que com o mesmo foi possível pensar em uma entrada de forma legitimada, a pesquisa bibliográfica se dedicara a compreender e evidenciar o conceito de políticas públicas, políticas públicas diversas, específicas e o conceito de ação afirmativa, essas ponderações teóricas em análises serão através de artigos científicos sobre o assunto, documentos sobre o edital específico disponibilizado pelo site da UNILAB, e leis que assegurem a autonomia da Universidade em alusão a sua criação de propostas de ação afirmativas para públicos historicamente discriminados.

No processo de construção do questionário para a criação do senso sobre acesso dos quilombolas na UNILAB, teve a criação de um roteiro autônomo para a facilitação da compreensão das respostas que cada estudante se propôs a responder.

Diante da aplicação do questionário, houve, por diante a investigação ponderada na interpretação dos dados, e por conseguinte a discussão e os resultados alcançados por eles, como forma de colocar em evidência o resultado da pesquisa desenvolvida para apresentar assim, a concordância ou não das hipóteses propostas por seguinte, a análise e interpretação dos dados e mediante a isso a discussão e os resultados obtidos por eles.

O trabalho se constitui por partes de modos a integralizar o contexto de criação e a proposta do tema em relação ao seu objetivo geral, que é colocar em evidência a importância do edital nº 33/2017 específico para quilombolas e indígenas na UNILAB, analisar o impacto do edital específico da UNILAB no Ceará como ferramenta de inclusão para o acesso e permanência de estudantes quilombolas no ensino superior, considerando a superação de barreiras históricas e temporais. Quando aos objetivos específicos, (1) Identificar os principais desafios enfrentados pelos estudantes quilombolas no acesso e permanência no ensino superior no contexto cearense, destacando questões sociais, econômicas e institucionais que dificultam a efetivação de seus direitos educacionais; (2) Examinar como o edital específico da UNILAB contribuiu para a inclusão educacional de estudantes quilombolas, analisando suas estratégias e os resultados alcançados em termos de equidade e diversidade; (3) Avaliar as percepções dos estudantes quilombolas sobre a universidade, especialmente em relação à permanência, à representatividade e ao respeito às suas especificidades culturais e identitárias.

2 POLÍTICAS PÚBLICAS/ESPECÍFICAS/DIVERSIDADE E AÇÕES AFIRMATIVAS

As políticas públicas têm como fomento de criação mediante as demandas que emergem dos agentes sociais partindo sobretudo como solução do estado frente ao que foi posto como barreira que muitas vezes acaba por dificultar a vida das pessoas. E como forma de responder a sociedade diante de seus alarmes e alertas sobre problemas sociais, como o direito a educação, saúde, lazer e dignidade para o bem viver, o estado se responsabiliza por construir mediante ao contexto dos seus agentes sociais, direitos que é denominado como Políticas Públicas, bem como aponta o Joaquim Barbosa Gomes (2001, p 40), ex-ministro do Superior Tribunal Federal – STF:

Um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate à discriminação racial, de gênero e de origem nacional, bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado, tendo por objetivo a concretização do ideal de efetiva igualdade de acesso a bens fundamentais como a educação e o emprego.

Diante disso, tendo em vista que as políticas Públicas visam abarcar a sociedade como o todo, ou seja tem a ideia e a perspectiva sobre o caminho da Universalização de direitos iguais para todos, bem como, o acesso a saúde para todos, educação para todos e moradia para todos, nesse processo foi pertinente que o “todos” não incluía determinadas populações onde as mesmas acabavam por ficarem e permanecerem sempre a margem, como foi o caso da população negra e Pobre do Brasil.

Compreendendo os conceitos já citados, sejam eles políticas públicas e políticas públicas específicas, o conceito de políticas públicas para a diversidade ganha espaço também no âmbito das relações de produções acadêmicas, no empenho de denunciar de forma escrita que os movimentos sociais de cunho emancipatório como afirma Nilma Lino Gomes(2017), reivindicam dos governos e do Estado que os mesmos encaminhem suas políticas não apenas para determinados setores ou grupos étnicos, pelo fato de fazerem parte ou de serem considerados diferentes, esses coletivos e movimentos sociais exigem que os direitos da diversidade passe a ser algo de assiduidade na empreitada das políticas públicas, sejam elas específicas ou universais.

As políticas para a diversidade provocaram mudanças em nosso país. Mudanças no campo dos direitos, na concepção, construção e implementação de políticas, na disputa orçamentária e no imaginário social sobre os coletivos diversos tratados como desiguais e o seu direito a uma política que articule superação das desigualdades, equidade e justiça social. (Gomes, 2017, p.12)

O conceito de ação afirmativa deliberado no processo de tensão de um movimento social e coletivo frente as suas demandas provindas pela escassez de direitos que é suprido e acessado apenas por determinadas populações como no caso da população não negra, classe média, rica e branca do Brasil, tem ganhado cada vez mais espaços no âmbito acadêmico e sobretudo nas áreas das ciências humanas e ciências sociais e ciências políticas. Tendo em vista que é no empenho por contextualizar a construção histórica de um país que as ciências humanas, sociais e políticas buscam densamente analisar, criticar, debater e ponderar, desse modo ratifica Linhares et. al (2012, p. 09) que ação afirmativa:

Pode-se asseverar que são medidas especiais que buscam eliminar os desequilíbrios existentes entre determinadas categorias sociais até que sejam neutralizados, o que se realiza com providências efetivas em favor daquelas categorias que se encontram em posições desvantajosas.

O debate de políticas Públicas no seu contexto geral tem por finalidade a promoção de igualdade de direitos de todos e todas independentemente de sexualidade, cor, raça, gênero, idade e entre outros fatores que demarcam as estrutura estética de uma pessoa, porém os teóricos com suas ponderações construídas ao longo dos tempos nos provam que há de fato critérios para o acesso e a garantia de direitos, que se permeiam sobre a cisão de sujeitos que ao longo da construção histórica do Brasil e do mundo foram se consolidando. Segundo o ex-Ministro do superior tribunal Federal - STF Joaquim Barbosa Gomes (2001), as políticas afirmativas na sua finalidade, atuam de modo a proporcionar transformações de forma estrutural, cultural, pedagógico e psicológico, pois sabe-se que uma vez implantada nos mais variados segmentos da sociedade, trabalha de maneira assídua para a efetivação de direitos universais, contribuindo assim, para uma flexível mudança provinda daqueles (as), que durante muito tempo utilizou de práticas discriminatórias como regras.

Diante de um olhar geopolítico, sabe-se que o Racismo atravessou as fronteiras e mares para a sua instalação de forma extrema e estrutural a nível global, com essa instalação a sociedade desenvolveu métodos e regras para que determinados grupos sejam considerados humanos, dignos e assegurados de direitos, enquanto outros grupos bebem a amargura do contrário.

Diante disso ratifica-se que de maneira árdua e violenta vivemos em uma sociedade desigual e iniqua, que se mantem assim sobre séculos e gerações, mas que a luta, a coletividade e cooperação daqueles grupos considerados não humanos que buscam se reestabelecer diante das catástrofes geradas mediante as ações humanas, é importante e possível acreditar na força e na coragem para a garantia de conquistar o acesso a direitos, como o acesso a moradia, a saúde, educação, emprego e sobretudo sucesso.

As ações afirmativas deliberadas de lutas coletivas, ações e mobilizações conjuntas que se somam na perspectiva e finalidade única na asseguuração de direitos de forma legitimada, tem a certo modo trabalhado ativamente nas universidades para que as políticas de acesso, ingresso se prossiga como regra estabelecida também a permanência e sucesso dos sujeitos que estão no espaço ocupando vagas que lhe conduzam a melhor consequência possível. Pois diante das escritas é importante salientar que o agente que ocupa uma vaga por direito por viés da ação afirmativa necessita também da certeza do seu sucesso na pós-graduação, mercado de trabalho e assim por seguinte.

No Brasil, embora a ação afirmativa seja desconhecida da grande maioria da sociedade, o assunto começa a ser explorado no campo acadêmico, cujo debate em torno da temática tende a se intensificar. A própria controvérsia gerada por esta discussão indica a importância do tema não somente para a comunidade acadêmica, mas para toda a sociedade, pois se vê uma confusão de ideias e expressões frequentemente usadas como sinônimas: política de cotas, políticas compensatórias, política de reparação, política de promoção de igualdade, política antirracista, ou ainda, política de engajamento, política da diversidade ou política do multiculturalismo (Linhares, 2012, pag. 08).

Desse modo o debate das políticas públicas e ações afirmativas seguem nesse processo de construção sobre outras formas e possibilidades para aqueles e aquelas que durante muito tempo tiveram seus direitos negados, mudem esse cenário através das diversas políticas sociais, tendo em vista que a educação é um projeto que se volta apenas para alguns, e a sociedade é permeada por desigualdades, por tanto, estudar o edital específico como fomento de construção de outras políticas de inclusão, é trabalhar na construção de caminhos para as possibilidades de transformações e deslocamentos que de maneira emergente se faça presente no campo Universitário (Ferreira, 2022; Figueiredo, 2019).

3 EDITAL ESPECÍFICO PARA QUILOMBOLAS

O debate do edital específico para quilombolas e indígenas já teve seguimentos de patamar da cognição, e não é sobre ser inteligente ou ser burro, é sobre uma em pilhagem histórica de conhecimento que nós muitas vezes não acessamos nos espaços educacionais que transitamos, pela deficiência de sua estrutura e também pelas nossas condições de acesso à educação, tendo em vista que muitas de nossas comunidade são longes das escolas que ofertam o ensino, onde a dificuldade assola quando em períodos de inverno o caminho fica dificultoso e perigoso, barrando assim a passagem para a ida a escola estudar.

Nesse sentido, ressaltar também a falta de reconhecimento da escola para com a comunidade, o imaginário reproduzido por muitos, e aqui eu destaco que durante muito

tempo nós do Quilombo Sítio Veiga éramos denominados como os “negros do Veiga”, embora tenhamos o conhecimento da potência do que é ser negro, também sabemos que era com o teor pejorativo, então sobre tudo a questão não é apenas intelectual, cognitiva, ou um olhar voltado apenas ao intelecto do sujeito, é uma questão de ordem coletiva, da negação do acesso a direitos, e para isso as políticas públicas justamente atingem a coletivos no sentido de reverter um processo histórico e gerar a reparação social, e diante disso, a importância em falar do edital específico para quilombolas e indígenas, é pensar também que não é só pensar na garantia do acesso, mas também em sua permanência.

O acesso ao ensino superior ao longo da construção histórica do Brasil, tem certas facetas e regras no que diz a respeito de quem pode ou não tal pudor, pois embora tenhamos a Constituição Federal de (1988) que garante uma política universal de direitos e direitos a educação para todos, sabe-se que nem tudo é como está prescrito em lei.

O Brasil assim como vários outros países do Mundo passou por um longo e árduo período de colonização e escravização que seguem até os dias atuais refletindo na vida dos remanescentes daqueles que tiveram suas vidas vilipendiadas, torturadas, proteladas e pisoteadas pelo sistema de vários segmentos que tinham o mesmo objetivo, o “lucro”, lucro esse que era e foi construído pelo suor, perda (de forma violenta) de identidade, estupro e sobretudo desumanização de sujeitos.

Diante da contextualização da construção histórica do Brasil, ratifica-se que as lutas dos movimentos sociais, emergidas mediante a violação de direitos que se contrapõem a Constituição Federal de (1988), se alinham ao edital específico para Quilombolas, que é nada mais do que, fruto de várias mobilizações intensas de quilombolas a nível nacional que buscam e reivindicam o seu acesso à educação e ao ensino superior como forma de reparação histórica, que visa sobretudo concertar de maneira simbólica a negação do acesso à educação pendurada por séculos, décadas e anos, fazendo com o que no cenário da educação tenha-se uma carência gigantesca de quilombolas.

A presente monografia articula-se na análise dos processos de ingresso da UNILAB voltados para os quilombolas. Desde o Edital nº 33/2017, o primeiro processo seletivo específico para o ingresso de estudantes quilombolas e indígenas na UNILAB, que surgiu através da implicação de um estudante quilombola que estudava na UNILAB - CE em 2017, onde até esse ano citado, ele ainda era o único na instituição.

Nesse caminho, como resultado de discussões durante o 17º Encontro Estadual das Comunidades Quilombolas do Ceará, realizado na Comunidade Quilombola Sítio

Veiga em outubro de 2017. O edital foi um passo significativo na ampliação das políticas afirmativas da universidade, oferecendo seis vagas para estudantes quilombolas e cinco para estudantes indígenas, exclusivamente para o curso de Pedagogia no Ceará, com ingresso no segundo semestre de 2017. O edital foi elaborado em conjunto por lideranças quilombolas, docentes e discentes da UNILAB, refletindo o compromisso da instituição em promover a inclusão e o acesso de grupos historicamente excluídos (Ferreira, 2022).

A proposta do edital específico, tem por finalidade por um lado denunciar a ausência de Quilombolas na UNILAB e por outro momento assegurar que de forma massiva seja percorrido o processo de ingresso de Quilombolas no ensino superior, colocando em questão a falta de ação afirmativa voltados para esse grupo historicamente tratados como inferiores e desiguais até a criação do edital citado, pois sabe-se que a UNILAB tem como missão institucional a cooperação internacional Sul-Sul, emancipação de grupos historicamente marginalizados, e grupos diversos que tiveram sempre a educação com seu acesso negado.

A UNILAB com sua proposta institucional e sobretudo com sua autonomia de Universidade Pública Federal, necessitava até então de radicalizar a presença de seus agentes, bem como a presença maior de quilombolas, foi assim que se deu a construção do edital específico para quilombolas. O Edital nº 33/2017, tinha como processo de seleção critérios de conhecimentos sobre questões pessoais dos quilombolas participantes do mesmo, como, a criação do memorial falando sobre sua realidade pessoal e local, e uma redação de forma presencial na Universidade com tema específico sobre a questão do acesso de quilombolas ao ensino superior.

Tais critérios diferentemente de outras formas de ingressos, tidos e mantidos como tradicionais, realçou na percepção dos quilombolas sobre a possibilidade do seu ingresso ao ensino superior. Muitos dos quilombolas que viam de família na qual sua geração é a primeira a se fazer presente na Universidade, carregando assim a ampla responsabilidade de fazer reparação histórica no próprio nome da família, tendo em vista que ao longo do tempo a história sobre si, de suas famílias e seus antepassados são apagados e esquecidos, com os novos moldes da colonização nos espaços educacionais, assim sabe-se que o acesso ao ensino superior sempre foi algo selecionado apenas as populações historicamente privilegiadas, advindas de gerações que já são marcantes de forma legitimadas no espaço educacional.

Assim como o sistema de cotas, pensado e criado pelo movimento negro Unificado, o edital específico para quilombolas e indígenas é criado sobre uma política

de acesso que de fato contemple e quebre o ciclo vicioso do não acesso voltado as populações de comunidades tradicionais. A proposta do sistema de cotas que teve como interlocução no seu processo de implementação a adaptação da mesma, que teria 12(doze) anos (cotas raciais com o número 12.711), e a depender do resultado ocorreria alterações, essa questão infelizmente não refletiu de forma simbólica na UNILAB quando a levando em conta a possibilidade de haver uma manutenção do edital específico para quilombolas e indígenas.

A manutenção do edital específico seguiria sendo uma das comandas da Universidade na sua proposta de reintegração em alusão a reparação histórica necessária para o contributo do acesso as comunidades quilombolas e indígenas ao ensino superior, considerando sempre o fato de a UNILAB ser uma Universidade de caráter internacional e de missão emancipatória institucional, onde abarca assim, um projeto diferente das demais instituições do Brasil e no Mundo, como bem apresenta o seu PDI(pagina 35), postulados como, princípios coligados a valores a internalização, integração, excelência, ética, integridade, interiorização, respeito à diversidade, inclusão social, pluralismo cultural, inovação e transparência.

Postulada mediante a pressão dos coletivos da UNILAB, na busca pelas ações afirmativas e sua legitimação voltada para, indígenas, negros, quilombolas, ciganos, povos e comunidades tradicionais, refugiados, pessoas com deficiência, pessoas com identidades trans e pessoas em situação de privação de liberdade ou egressas do sistema prisional, é construída a resolução 40 de 2021, na qual diz que o programa de ações afirmativas da UNILAB, garante, que as ações afirmativas voltadas ao ensino, extensão e pesquisa que tem o objetivo de promover o ingresso dos agentes sociais destacados acima, como forma de reparação histórica de povos que historicamente tiveram o acesso da educação negada.

Nesse sentido, há uma afirmação de que as políticas de acesso da UNILAB estão se integrando de forma significativa ao seu papel frente aos desafios de redemocratizar o ensino superior, partindo sempre da premissa de que a Universidade tem várias funções sociais e a mais importante e fundamental de todas, é reconhecer seus agentes como sujeitos e sujeitos de direitos, nesse sentido ratifica Ferreira (2022), Uma universidade que se oriunda mediante aos propósitos percussores das ações afirmativas por mediar, articular e defender uma proposta de inclusão de forma plural e diversa onde perpassa pela estrutura discente, docente e que também abarca as filiações teóricas dos cursos que alcancem a realidade dos países atendidos.

As ações afirmativas criadas pela tensão dos coletivos diversos da instituição provindas mediante ao cancelamento dos editais específicos, como foram já foram citadas, demonstram sobre como o protagonismo dos coletivos diversos presentes na UNILAB, seja no campos do Ceará ou da Bahia (Males) lutam por um objetivo comum e transformador. Mas embora esse processo tenha se encaminhado de forma promissora, temos que ver até onde as políticas de ação afirmativas da UNILAB não estão sendo construídas e usadas para poder ao invés de nos incluir, nos excluir de forma legitimada.

É importante frisar que este trabalho é criado e desenvolvido como forma de denunciar como se dá a dinâmica interna de uma instituição, pois só vamos construir uma universidade plural e acolhedora aos grupos historicamente discriminados se não houver medo de denunciar as violências que sofremos e passamos no processo de ingresso e também de permanência ao ensino superior.

Falar de baixo para cima, das estribeiras e das beiradas nos permite enxergar situações e questões que a academia tem ocultado por anos, a presença de quilombolas no ensino superior e sobretudo na UNILAB promove deslocamentos e provoca mudanças na dinâmica interna da imersão universitária, seja nas filiações teóricas, nas ponderações de intelectuais que durante muito tempo não consideravam pensamentos de quilombolas homens e mulheres como ciência, mas sim como militância, escondendo assim, sempre o fato de que as pessoas hegemônicas mais do que de forma constante só falam de si, governam para si e só pensam sobre si, e fazendo isso sempre de maneira pretenciosa, contribuindo para o epistemicídio quilombola, que outrora é algo naturalizado nos espaços educacionais.

O processo de enaltecer a potência do edital específico para quilombolas e indígenas, é sobretudo um processo permeado sobre uma luta conjunta e coletiva, que busca sempre considerar que quando algo de bom acontece com um, consequentemente acontece com todos e todas, quando um ou uma de nós avançamos, todos e todas avançamos também, por tanto, a presença e a participação dos quilombolas no campo acadêmico é algo que contribui de forma circulatória, ao próprio campo universitário, levando em conta a sua trajetória de progressão e suas adjacências, aos quilombolas que estão caminhando firmes ao um futuro prometidos pelos antepassados onde muitos morreram lutando na busca pela garantia de direitos, seja sobre a nossa própria terra, como também o acesso à educação.

4 DESAFIOS ENFRENTADOS PELOS QUILOMBOLAS NO ENSINO SUPERIOR – DO CAPACITISMO A NEGAÇÃO CONSTANTE EM SUBSOLO UNIVERSITÁRIO.

Somos ótimos escritores. Ao ler textos e ou qualquer outro trabalho acadêmico que já produzimos, reflito: como posso imaginar que não sou/somos capaz/capazes? Que projeto de desmonte e desistência é esse que nos reprova externamente e nos faz internalizar um sentimento de incapacidade, nos levando a pensar que não somos bons o suficiente, é importante sempre questionar a competição acadêmica, onde pesquisadores(as) da mesma área, contexto ou território trabalham de forma desarticulada, em vez de colaborativa. Que estrutura é essa que me impede de realizar denúncias cotidianas dentro do espaço educacional, especialmente no campo de disputa do conhecimento a nível superior? o que espero do futuro para mim e os meus? Nesse caminho, me pergunto a que tempo me refiro. Que estrutura é essa que nos impede de estar presentes, ocupar espaços, produzir e ter sucesso? Queremos uma reparação urgente, um olhar que nos humanize e nos conduza ao caminho do sucesso da melhor maneira possível

O ingresso de estudantes quilombolas no ensino superior enfrenta implicações e questões decorrentes, em primeiro lugar, da negação do acesso à educação e suas diversas instâncias ao longo de séculos, décadas e anos. Com o advento dos movimentos sociais, especialmente o movimento dos quilombolas no Brasil, essa situação vem passando por mudanças. No entanto, análises ponderadas sobre o acesso dos quilombolas à universidade revelam um déficit significativo, especialmente quando comparado ao tempo de existência das comunidades quilombolas no Brasil.

Se por um lado discutimos o acesso, por outro, não podemos ignorar os desafios que enfrentamos ao deixar nossos territórios. Neles, ecoam o aconchego, a felicidade, o acolhimento, a coletividade e a saúde, que são fundamentais para o fortalecimento de uma vida duradoura. A responsabilidade comunitária e social inclui a transmissão de diversos conhecimentos e saberes de geração em geração, sempre valorizando o poder da coletividade e os valores que ela nos ensina. Assim, diante de suas amplas possibilidades, nossa contribuição para a sociedade, seja ela acadêmica ou não, é inestimável.

Falar de desafios, ou dependendo do contexto, de dificuldades, é sem dúvida tornar visível que, embora tenhamos acesso ao ensino superior, muitas questões ainda precisam ser abordadas e reconhecidas como fundamentais para a reformulação de uma universidade cuja missão é a integração, emancipação e inclusão de múltiplos sujeitos.

Este processo envolve a reeducação e redemocratização do ensino superior, onde a autonomia institucional deve apoiar e ajudar diversos grupos coletivos a se sentirem pertencentes ao seu espaço, evitando a repetição de dores, traumas e tratamentos desumanos.

Quando nós pertencentes a grupos historicamente discriminados, marginalizados e estigmatizados socialmente, partimos para a Universidade nossos horizontes acabam sendo expandidos, mas também é um lugar onde a gente percebe com muita nitidez os abismos sociais, desde a parte intelectual, até a parte de permanência e como consequência a sonhada e realizada conclusão. É necessário sempre destacar que para tal consequência a Universidade também esteja se encaminhando junto com seus processos de mudança e alterações de caminhos, principalmente quando se destaca uma Instituição que é diferente das outras a nível Mundial. Por tanto, ratifica-se, que nós quilombolas sempre caminhamos juntos, coletivamente, acreditando sempre nas vozes que ecoam sobre falas de melhorias, necessidade de recuar as vezes e a emergência de seguir sempre em frente.

Dentro dos desafios enfrentados no espaço acadêmico na UNILAB, um que sempre tem sido colocado em pauta é justamente a retomada do edital específico para quilombolas e indígenas, e com a sua volta a sua legitimação adjunto ao seu processo de construção, tendo em vista que sua estrutura e dinâmica se difere das demais formas de acesso ao ensino superior. Levando em consideração que não é o favorecimento de um grupo que está sendo pontuado, mas sim o direito do acesso à educação deliberado de uma luta histórica que não recua diante de suas dificuldades, pois é importante e fundamental a constante barulha na Universidade como forma de lembrá-la qual o seu papel social no Mundo.

Nesse processo de Alencar os desafios é importante ressaltar as várias vezes na qual os estudantes quilombolas sofrem em relação ao capacitismo vindo da instituição em relação as suas produções no espaço acadêmico, ratificando assim o racismo científico na qual se tem a ideia de superioridade de raças, onde umas se sobre saem sobre outras, e isso, dentro de um espaço democrático educacional é algo inadmissível, por tanto é importante a evidencia como forma de reeducar o espaço e seguir na desconstrução do imaginário que se tem dos estudantes vindos dos quilombos pertencentes a uma história potente e agregadora para a construção histórica do Brasil.

Estamos conseguindo espaço na academia a contragosto de muitos, mas não vamos desistir e nem recuar. É importante sempre pontuar que essa luta não é só de uma pessoa, mas de várias, ela se faz referência também aos que morreram lutando, em prol de uma educação que nos alcançasse como instrumento para a nossa melhor inserção na vida, isso alusivo ao mercado de trabalho nas suas mais diversas áreas, com isso é de suma importância ressaltar que a nossa luta é constante, diária e histórica.

Nossos corpos não são hegemônicos, nossos corpos não atendem as expectativas que se colocam naquela pessoa que deve ocupar esse espaço como cientista (o), e para rompermos com essa lógica precisamos brigar de uma forma muito incisiva, e quando a gente entra, a gente não vai sair, e é fundamental que nós denunciemos as instituições que fazem a manutenção de nossas ausências, porque não existe lugar mais confortável no mundo do que aquele de sermos apenas humanos, e esse lugar não é o lugar que quilombolas, indígenas, mulheres pretas, homens pretos, gays/pretos e as pessoas não hegemônicas ocupam.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho foi desenvolvido através de um processo de construção baseado em pesquisa bibliográfica, com foco na busca de artigos e outras pesquisas de autores que se dedicam a definir e destacar conceitos de políticas públicas, políticas públicas específicas e diversas, e o conceito de ação afirmativa.

Utilizando uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa, a pesquisa avançou com o uso do Google Forms. Assim, no dia 31 de outubro de 2022 (pesquisa qualitativa) e no dia 06 de maio de 2024 (pesquisa quantitativa), foram coletados dados através da aplicação de um questionário elaborado para avaliar a eficácia do edital específico para quilombolas, conforme descrito seu título específico para quilombolas, qual a percepção dos quilombolas em alusão ao seu ingresso no ensino superior e quais as suas contribuições dentro do ambiente acadêmico.

Com a construção inicial de um aporte teórico e a entrega de um projeto de pesquisa, até o momento do envio da ferramenta para a pesquisa na busca de coleta de dados para o trabalho a pesquisa ganha forma e tamanho conforme sua aplicação concede os resultados, assim ressalta Gil (2002, p. 17) que pesquisa é:

Pode-se definir pesquisa como o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

O processo de coleta de dados quantitativos envolveu a construção de um questionário com o objetivo de investigar a eficácia do referido edital específico para quilombolas. O intuito foi analisar qual método de ingresso oferecido pela UNILAB resultou na maior entrada de quilombolas. Dessa forma, foi possível comparar as formas de ingresso e identificar a que mais favorece os quilombolas no acesso ao ensino superior.

Para abordar a importância dos quilombolas na UNILAB, a pesquisa também incluiu uma pergunta sobre a participação dos estudantes quilombolas na universidade sobre modo quantitativo. O objetivo foi entender melhor a sua participação na Imersão Universitária e o seu envolvimento no cotidiano acadêmico. Dessa forma, foi possível refletir sobre a presença e a contribuição desses estudantes na universidade.

Para a obtenção dos dados desejados, a pesquisa foi destinada a nove pessoas, todas elas representantes de diferentes comunidades quilombolas presentes na UNILAB. Bem como o Quilombo Sítio Veiga/Quixadá – CE; Quilombo Três Irmãos/Serra da Ibiapaba/Croata; Lagoa dos Crioulos/ Salitre – CE; Quilombo Córrego do Ius; Quilombo Serra da Rajada/Caucaia; Quilombo Serra do Evaristo/Baturité; Quilombo do Batoque/Pacujá. A pesquisa foi realizada através de um questionário pelo google forms, com sete perguntas, elaboradas para proporcionar resultados relevantes em relação às questões demandadas.

As perguntas seguiram um roteiro coeso, considerando a percepção de cada representante dos quilombos sobre os quilombolas que atualmente estudam ou já estudaram na UNILAB. Desta forma, foi possível obter respostas detalhadas e significativas sobre a eficácia das políticas de ingresso para quilombolas na instituição.

O questionário como procedimento para a obtenção de respostas, continha as seguintes perguntas de análises sobre os quilombolas na UNILAB, “A qual comunidade quilombola você faz parte? Quantas pessoas da sua comunidade quilombola estudam ou já estudaram na UNILAB? Quantos membros da sua comunidade quilombola estavam matriculados na UNILAB antes da criação do edital específico para quilombolas e indígenas? Se houver algum, de que forma eles ingressaram na universidade? Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB após a criação do edital específico para quilombolas e indígenas? Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB após o cancelamento do edital específico? Por favor, quantifique o número de pessoas por modalidade de entrada (por exemplo, 2 através do SISU, 1 pelo SISURE, 3 como graduados ou transferidos). Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB por modalidades de ingresso

diferentes do edital específico, enquanto esse edital ainda estava em vigor? Por favor, liste a quantidade de pessoas e a forma de entrada (por exemplo, 2 através do SISU, 1 pelo SISURE, 3 como graduados ou transferidos). Responda abaixo quais projetos de extensão, programas de iniciação científica, PIBID, PRP, entre outros, quilombolas da sua comunidade participou na UNILAB.

(ex: 2 foram bolsistas do projeto de extensão tal e coloca o nome do projeto.

3 foram voluntário do PIBID.

4 foram bolsistas do PRP.

5 foram bolsistas de iniciação científica.

Todas essas perguntas foram pensadas de modo a obter um resultado significativo e simbólico em alusão ao objetivo geral dessa monografia, nesse sentido, essas perguntas demarcam números e subjetividade, mas sobretudo apontam qual a direção está seguindo o processo de desenvolvimento deste trabalho em relação a sua perspectiva social.

6 O QUE PENSAMOS SOBRE A UNIVERSIDADE EM RELAÇÃO AO NOSSO INGRESSO NA MESMA

Nossas universidades são colonizadas, embora a UNILAB tenha um projeto decolonial, é preciso pontuar que ainda há grandes resquícios de colonização na mesma. Não é à toa que uma meia dúzia de sujeitos brancos europeus estão presentes na maioria das pesquisas, que são produzidas nas áreas das ciências humanas, e sempre é importante trabalharmos com o que dialoga com nossas subjetividades, e com quem discuti a geografia onde a gente se constitui.

Diante disso a pesquisa se procedeu adjunto a perguntas que denotam o Quilombo de onde vem o sujeito/discente, curso, semestre, se o sujeito está gostando ou não da UNILAB, o que mudou sua vida após o ingresso no ensino superior e se a UNILAB está respeitando a sua especificidade justificando a resposta. Foram entrevistados cinco quilombolas, sendo três deles da mesma comunidade, porém todos com cursos diferentes, colocando em observação que todos os sujeitos preferiram não se identificar, desse modo os denominei com nomes fictícios para melhor fazer a abordagem de suas respostas.

6.1 A voz dos (as) quilombolas em alusão a suas percepções sobre a UNILAB - CE

Como resultado em alusão as perguntas temos o primeiro que respondeu o questionário, Pedro:

Que veio do Quilombo sitio veiga, cursa enfermagem, está no oitavo semestre, em resposta sobre está gostando da UNILAB, - relatou que, “sim, mesmo com todos os empecilhos relacionados, a distancia de casa, alto custo de vida e cobrança do meu curso é uma boa Universidade mesmo assim”. - Sobre o que mudou em sua vida após o ingresso no ensino superior, o sujeito afirmou que,

“para uma pessoa que tinha poucos horizontes disponíveis dentro do Quilombo a entrada no ensino superior acabou abrindo um leque de oportunidades, me dando uma visão mais ampla da minha área de estudo. A UNILAB está respeitando sua especificidade? - em resposta o sujeito falou que “não, algumas pessoas como a vice-reitoria acha que nossa entrada acabou atrasando os demais acadêmicos, como se a nossa entrada fosse fardo para a universidade”.

A segunda pessoa entrevistada respondeu o questionário com uma fala muito semelhante ao primeiro sujeito, o que reforça a ideia de que a Universidade ainda se encontra um tanto distante de um diálogo confluyente, como fala Nego Bisco (2023), colocando em evidência que ainda há muito o que ser mudado no espaço acadêmico.

Segundo sujeito entrevistado, Rosangela:

Veio do Quilombo Sitio Veiga, cursa antropologia, está no sétimo semestre, em resposta sobre está gostando da UNILAB, afirmou que, “muito”; o que mudou sua vida após o ingresso no ensino superior? “Ampliou e fortaleceu os conhecimentos que aprendi com meu povo, fortalecimento do pertencimento étnico quilombola e a contribuição ao movimento”; A UNILAB está respeitando sua especificidade como quilombola? “Não, desde que nosso edital foi retirado de nós, que lutamos para termos acesso a universidade, como foi pautado por nós na política que ação afirmativa, com base na resolução do numero 40 do CONSUNI. Nada sobre nós sem nós.

A terceira a responder o questionário se mostra com a mesma perspectiva dos primeiros entrevistados em relação em como a UNILAB tem se dinamizado com a sua presença enquanto quilombola e quanto ao seu coletivo, destacando que o edital específico ao ser cancelado tende a prevalecer a ideia de que a Universidade ainda precisa mudar sobre a forma na qual lida com os quilombolas.

Terceiro sujeito entrevistado, Maria:

Veio do Quilombo Sitio Veiga, cursa administração pública, está no decimo semestre. Está gostando da UNILAB? -“sim. O que mudou sua vida após o ingresso no ensino superior? - “me tornei mais atuante no movimento e aprendi muito sobre como ajudar a minha comunidade com o meu curso”. A UNILAB está respeitando sua especificidade como quilombola? -“não, desde dois mil e dezenove (2019) a UNILAB retirou o edital específico, o que mostra o quanto ela não está voltada a receber estudantes quilombolas de acordo com suas especificidades”.

A quarta pessoa entrevistada ainda se mostra com suas respostas, semelhantes aos dos sujeitos anteriores, bem como, tendo como destaque o cancelamento do edital específico, evidenciando assim que o edital específico delibera sobre importância de grande dimensão, e que o mesmo atuou de modo a explicitar para a UNILAB que o seu cancelamento desencadeou um descontentamento do coletivo quilombola frente ao cancelamento dessa forma de ingresso.

Quarto sujeito entrevistado, Rosa:

Veio do quilombo Três Irmãos, cursa letras – português, está no quinto semestre. Você está gostando da UNILAB? - “sim. O que mudou sua vida após o ingresso no ensino superior? - “a forma de lidar com vários assuntos da sociedade, na qual não tinha tanto conhecimento antes de entrar no ensino superior’. A UNILAB está respeitando sua especificidade como quilombola? - “não, porque ainda estamos lutando contra a retirada do nosso edital específico, que foi contado em dois mil e dezenove (2019).

A quinta e última pessoa entrevistada também reforçou em suas respostas sobre como a UNILAB ainda precisa se atentar em relação aos quilombolas presentes em sua imersão, sua resposta para além disso, assim como os outros entrevistados, ressalta sobre como está na UNILAB, muitas coisas em suas mentes tem mudado, principalmente a forma como enxerga o mundo e sobre como é possível também olhar para além, evidenciando a importância da sensibilidade aos diversos grupos que perfazem a estrutura da UNILAB.

Quinto e Último entrevistado, Thayse:

Veio do Quilombo Lagoa dos Crioulos, cursa sociologia, está no oitavo semestre. Você está gostando de estudar na UNILAB? - “estou sim, é uma instituição de ensino diferenciado que nos dá oportunidade de vivenciarmos diversas culturas”. O que mudou em sua vida após o ingresso no ensino superior? - “comecei a ver a sociedade ao qual estou inserida com outros olhos, nosso processo formativo é transformador e emancipador, nos permitindo essa integração com diversas formas de saberes e culturas”. A UNILAB está respeitando sua especificidade como quilombola? - “não, a universidade não se preparou para nos receber, falta uma organização por parte da instituição para atender nossas demandas e anseios”.

Desse modo, a pesquisa online demonstrou em suas respostas provinda das (os) quilombolas de quatro comunidades diferentes, como já foram citadas no início, que há uma redemocratização do ensino superior a ser aplicada, sobretudo na UNILAB, uma vez que a mesma ainda não se adequou a entender a importância dos quilombolas presentes na sua dinâmica interna, assim, as respostas os agentes, ressalta que é necessário uma atenção maior ao coletivo das comunidades tradicionais, para que assim seja postulado que a UNILAB é de fato uma Universidade plural e diversa.

7 QUILOMBOLAS NA EDUCAÇÃO – CORPOS PEDAGÓGICOS

Historicamente e também socialmente, os quilombolas não são “considerados” capazes de exercício a produção epistêmica, assim como de não se configurar um autoridade epistêmica ou fonte inteligível, pois a sua existência como outra possibilidade de ocupação de espaços para além do Quilombo, sobretudo na Universidade, sempre foi atribuído por uma série de estigmas de definição sócio moral, e isso transferido para nós no espaço educacional e na vida cotidiana, como os (as) exóticos, atrasados, isolados, monolíticos, estagnados, parados no tempo e no espaço, descendentes de escravizados

(sendo vista apenas pós invasão do colonizador, mas nunca antes de suas violências ao continente africano) sujos, sem roupas, etc. passando assim por violências, discriminações, exclusões, silenciamento, epistemicídio simbólico e aniquilações.

A academia tem uma trajetória permeada sobre uma construção epistêmica única sobre o olhar do mundo em relação a validação do que é ou não ciência, bem como pontua ROSA (2020), O mundo visto por homens brancos, europeus, existe, mas eles não são os únicos que veem o mundo. Contudo, nosso enfrentamento as normas da universidade se dizem a respeito em ir contra esse pensamento, pois ele nos ler apenas sobre uma vertente, a dos que não pensam e não conseguem produzir, desconsiderando assim, todo o rico conhecimento que a nós é passado cotidianamente.

Para tanto, o caminho de construção de uma universidade que de fato nos acolha e nos respeite, é elaborado sobre a necessidade de reconhecer os nossos costumes, especificidades, dinâmicas e outras questões como peças fundamentais para a nossa permanência na universidade e sobretudo reconhecer que a nossa presença já se atribui a um grande ganho que a mesma teve, quando se pode então haver o diálogo, e a confluência, como mesmo afirma Nego Bispo (2023).

Estamos firmes na luta na universidade, produzindo sobre várias questões, mas sobretudo sobre nós, por que as pessoas que nos pesquisam escrevem o que eles querem ao nosso respeito, porque nós não somos considerados públicos leitores (as), e é importante falar que essas pesquisas não produzem deslocamento dentro dos espaços, não produzem uma mudança na estrutura do corpo discente e do corpo docente, se a gente consegue mudar alguma coisa é pelos nossos próprios esforços, em conjunto com o movimento quilombola e movimentos sociais diversos.

Uma outra questão que aparece também de forma muito recorrente na academia, são as pessoas que vão adotar uma postura extrativista em relação a nós, nos pesquisam, nos leem, nos questionam, interpelam e simplesmente escrevem o que querem, se apropriam daquilo que a gente narra e assinam como se fossem produção delas (es) e quando a gente faz o enfrentamento de ir contra isso, falam que nós estamos colocando obstáculos, e é importante ressaltarmos por nós que de fato dificultamos, porque agora estamos no mesmo tom, utilizamos as mesmas ferramentas que essas pessoas e mostramos a elas (es) que também somos capazes de produzir, ponderar e mediar o campo de construção do conhecimento.

O processo de desmonte de uma Universidade que não nos quer nela se dá pela nossa presença e nossas amplas participações na mesma. A gente não desmonta essa

universidade normativa com epistemologias conservadoras, branco centradas, euro centradas, conservadoras, masculinistas, machistas e colonizantes, precisamos pensar para além desse lugar.

Pois, se há uma quantidade significativa hoje de quilombolas hoje na UNILAB, é a colheita de frutos das lutas do movimento quilombola, que travam um enfrentamento frente a esse sistema que busca constantemente fazer a manutenção de nossas ausências em espaços de poder e sobretudo no campo de disputa do conhecimento. E isso, é algo que já tem sido discutido cotidianamente na UNILAB em alusão ao cancelamento do edital específico para quilombolas, onde esse cancelamento contribui apenas para o reforçamento do pensamento de que a Universidade não é espaço nosso e nesse processo os mesmos a ocupam, produzem, defendem e ratificam em tom alto, que sim, a Universidade é espaço nosso, por direito.

A nossa presença impulsiona o deslocamento de pensamento arraigados sobre outras ponderações teóricas, que para a universidade pode ser algo novo, ou seja, além de estarmos ocupando um lugar que é nosso por direito, estamos também sendo pedagógicos em reeducar a Universidade com propostas e questões que por muitos ainda é visto como algo distante e sem encontro com o que é considerado ciência, nesse sentido, é necessário fazer de forma exemplar a nossa luta, o processo de comunicação alusiva as melhores estratégias de como produzimos e desenvolvemos ciência.

8 AQUILOMBAMENTO ACADÊMICO – EDUCAÇÃO PERFORMADA PELA LUTA E RESISTÊNCIA.

É possível ocupar as universidades públicas, é possível construir um ambiente acadêmico acolhedor, afetuoso, empático e pautado no respeito. É possível produzir, desenvolver, envolver o conhecimento de maneira leve e saudável sem que as pessoas adoçam, é possível transitar por bases e filiações teóricas distintas, diversificadas e atender as exigências de um programa de graduação e pós-graduação de excelência, porque não, não queremos o acesso reduzido apenas a graduação, queremos a transcendência para o mestrado e doutorado. É possível produzir e pensar outras formas de alunos e professores, e todas essas possibilidades eu defino como aquilombamento acadêmico.

A educação demonstra-se fundamental para a diminuição das desigualdades sociais, econômicas e regionais, indispensáveis para um verdadeiro Estado de Direito Democrático Social. Nesse sentido, as políticas afirmativas adquirem relevância, considerando que a ideia de igualdade de oportunidades e de sua respectiva concepção de mérito não se mostram suficientes para a redução da desigualdade; (Ferreira, 2020, pag. 05).

A universidade representa uma oportunidade crucial para quilombolas e outras comunidades marginalizadas. Através de políticas afirmativas, como o edital específico para quilombolas, conseguimos acesso ao ensino superior, algo que historicamente nos foi negado. Este ingresso não é apenas uma vitória individual, mas também coletiva, pois representa um passo importante na luta pela equidade de oportunidades e direitos.

As políticas públicas focadas nos quilombolas são norteadas por ações afirmativas específicas e somente a partir dos anos 2000 começaram a ser aplicadas no Brasil, por meio da Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), Programa Brasil Quilombola e também da criação da Secretaria Especial de Políticas e Promoção para a Igualdade Racial (SEPPIR). (Silva, 2018, pag. 07).

O ingresso de quilombolas na universidade não é apenas uma realização pessoal, mas também um compromisso com nossas comunidades. Onde o coletivo leva os valores e ensinamentos dos territórios quilombolas e buscam aplicar esses conhecimentos na academia e além dela. O objetivo é retornar às comunidades e contribuir para seu envolvimento e empoderamento.

A criação de condições de acesso por via de políticas de ações afirmativas para que determinados grupos sociais e/ou raciais ingressem nas universidades, seja mediante a implantação de um sistema de cotas, seja por meio de outras modalidades, deve vir acompanhada de um programa sistemático de apoio acadêmico. O debate interno torna-se imprescindível às universidades públicas promotoras de ações inclusivas, com vista a adotar condições efetivas de permanência para que os estudantes beneficiados não engrossem as estatísticas de evasão do ensino superior brasileiro. (Linhares, 2012 Pág. 17).

Contudo, sabe-se que os projetos de humanidades que fizeram e fazem uma leitura restrita de quem é ou não humano, se dizem respeito a desigualdade social, diante de tudo é importante explicitar que a desigualdade social é mais de que um conceito, a mesma diz respeito a concretização de práticas, de violência de exclusão, de negação do outro, da diferença, orientadas por uma determinada visão de mundo, um imaginário sem rédea, porque pensa que o outro ou a outra, principalmente o ou a diferente não tem o direito de viver e ter seus direitos garantidos, se não for a visão de poder e dominação na qual a colonização culminou, por isso é necessário pensar que a presença dos quilombolas na Unilab vai de desencontro com essa visão e proposta criada pelo homem branco, que se lê e se pensa universal, bem como ressalta Gomes (2017, p. 13) :

Desigualdades estas que recaem com mais contundência e violência sobre determinados coletivos sociais devido ao fato de a sua diferença – no contexto das relações de poder e econômicas – ser considerada como inferioridade. São os coletivos atingidos e impedidos de construir uma caminhada de igualdade, cidadania e justiça social na nossa complexa democracia.

Portanto nossas pesquisas não podem mais ser tijolos para separar quem está no lado de fora daqueles e daquelas que estão no lado de dentro, a gente precisa construir,

envolver, desconstruir, ponderar e indagar epistemologias que sejam acolhedoras, de fácil acesso e que sobretudo, encare o desafio de romper do que está sendo posto como ciência, tirar da linha o que não nos ajuda e colocar no campo da ciência a nossa contribuição com a história e com a ciência sobre várias formas e viés de construção do conhecimento.

Para verdadeiramente criarmos uma universidade diversa e acolhedora temos que enfrentar aquilo que está dito como veredito final, é importante reconhecer que a universidade necessita mudar o seu cenário em relação a quem pode ou não ter com dignidade o ingresso na mesma, o edital específico, sem dúvidas, é um desses processos, que além de trazer a riqueza dos conhecimentos, produzidos no cotidiano das comunidades quilombolas, também coloca em evidencia que a UNILAB está caminhando no caminho da diversidade, e que se está sendo definido como algo utópico é porque estamos juntos, juntas e juntos discutindo sobre o direito ao acesso, saúde integral, justiça, direitos humanos e muito mais.

Portanto, consolidação do acesso à educação se faz com aqueles e aquelas que durante muito tempo teve o seu acesso negado, e é importante frisar nesse processo que a pauta do mérito seja desconsiderada, pois foi por ela que muitos de nós não conseguiram ingressar no espaço acadêmico e realizar seu sonho, desse modo, é preciso o reconhecimento de agentes que são partes fundamentais para a construção de uma universidade que tem como ponto de partida a contribuição para uma sociedade mais justa, mais igualitária, sem iniquidades e sim com mais equidade, seja ela na oportunidade a estudar, oportunidade na busca por emprego e sobretudo sucesso na vida em si, e isso não romantizando o que a cultura branca e ocidental nos faz entender o que é ou não ter sucesso na vida, mas sim, colocar como ponto de comemoração, que a luta, quando em coletividade nos leva longe e nos faz compreender que embora haja adversidades, é importante e pedagógico, quando o direito de todos e todas está seguro e firme para continuarmos a lutar.

Para o processo de acesso e permanência é necessário que também se crie as políticas de acompanhamento dos sujeitos dentro do espaço universitário, isso se diz a respeito ao seu rendimento, saúde mental e sobretudo, ao seu custeio que é um dos fatores principais para o cancelamento da permanência no ensino superior.

Quando essa política é tardia ocorre casos de cancelamento de bolsas sem consulta e aviso prévio ao estudante, ocasionando assim a possíveis evasões, desistência e desgaste mental, como aconteceu com nove (9) quilombolas, onde oito (8) destes estavam em último semestre e no meio do mesmo, tiveram suas bolsas cortadas, e sete indígenas na

mesma situação do corte de bolsas, pegos de surpresa pela política de expulsão consolidada do espaço acadêmico universitário. Essa questão se faz a respeito à concretização de práticas na qual a academia já naturalizou em seu cotidiano, mais uma vez eu reafirmo, que nós quilombolas viemos para esse espaço, de modo a reeducá-lo, porque a nossa educação vem de longe, passos largos, firmes e coletivos, nesse sentido, um dos nossos emblemas sempre foi e sempre será, ninguém fica para trás, ninguém fica estagnado no meio do caminho.

Dado isso, é preciso salientar que, neste momento de corte de bolsas, no qual fui um dos afetados, a situação foi extremamente desgastante em diversos sentidos, especialmente quando estamos na reta final dos nossos cursos. No entanto, ao mesmo tempo, essa situação não fez declinar o movimento quilombola, fomos à luta de maneira coletiva. Pois apesar da dinâmica neoliberal da universidade, que tende a individualizar seus agentes, nós quilombolas não esquecemos o que aprendemos constantemente em nossos territórios, que é o poder da coletividade, solidariedade e interação. Esse poder ressurge mesmo em momentos de crise, como os riachos e olhos d'água que nos encantam durante a seca de nossos quintais no período de verão.

O processo de retomada de bolsas, foi algo revitalizador para todos e todas quilombolas que tiveram suas bolsas revogadas, pois muitos de nós tivemos que alterar rotas e criar linhas de fuga para a permanência e assim a conclusão do curso, e a luta foi uma das linhas de fuga, para isso, a Ana Eugenia quilombola e liderança do Quilombo sitio Veiga juntamente com a comissão de organização e demanda do coletivo quilombola da UNILAB, CEKUCE, em conjunto com quilombolas que não tiveram suas bolsas cortadas e os quilombolas que tiveram suas bolsas cortadas, foram a luta, ocupamos o campos do liberdade no dia 21 de março de 2024, o restaurante universitário do mesmo, fizemos cartazes onde neles estavam escritos “permanecer é um direito; cadê o acompanhamento das bolsas, cortes não serão tolerados; devolva nossas bolsas; avança UNILAB, nenhum quilombo amenos”, e cobramos da gestão.

Após isso, tivemos respostas de um possível auxílio emergencial como forma de reiterar os que tiveram suas bolsas canceladas, tivemos também reuniões com os órgãos responsáveis pelas ações afirmativas e órgãos que tem o papel de fazerem a relatoria mensais das bolsas, onde nesse momento pela gestão universitária foi feita análise como forma de analisar a situação de todos os estudantes com bolsas cortadas, após isso, foi ratificado que o erro ocorreu pela própria parte interna da Instituição por não está fazendo o processo de acompanhamento dos estudantes quilombolas na UNILAB.

Diante do exposto, é importante salientar que há determinados processos na qual não queremos que outros venham a enfrentar, somos firmes em nossas lutas, mas assim como os demais estudantes também queremos estudar sem temer o amanhã, queremos produzir sem que haja dor, adoecimento mental, e outras situações que nos tornam mais vulneráveis, tendo em vista que somos gente, pessoas e seres humanos.

A academia com toda a sua normatização de saberes, construções sobre muitos assuntos, e questões de grande relevância, as vezes nos faz pensar que há apenas uma forma de construir uma jornada de sucesso, levando sempre em conta, o fato de sermos obrigados a nos separar, dividir, brigar, oscilar, entre o que é ou não certo, fazendo com o que ela mesma esqueça, que vivemos em uma sociedade mutável, onde mudanças acontecem, e que nada está sobre o controle do ser humano em alusão sobre como deve ou não acontecer as manutenções de quais corpos devem estar presentes na Universidade, isso é algo que precisa ser mudado e essa mudança se faz quando nós ocupamos esse espaço que embora tenha toda a sua queixa sobre a nossa forma de ser e fazer ciência, é algo nosso por direito e mesmo a contra gosto não recuaremos, seguir em frente é uma obrigação.

Ao ingressarmos na Universidade estamos nos propondo a fazer tudo mediante ao compromisso com o sucesso, e com isso precisamos sempre vencer para obter esse sucesso em tudo aquilo que nos colocamos a fazer, e compreendendo isso, percebemos que esse discurso está ligado a tempo e a duração do que o mesmo nos proporciona, pois conforme o tempo vai passando, com a rotina exaustiva, acabamos nos distraindo, e caminhando juntamente ao robotismo que a universidade nos impõem.

Porém, há momentos nossos, principalmente, aqueles momentos de desespero, onde parece que não vai passar, que ao nos encontrarmos, seja em reuniões, momentos de partilhas e compartilhamento de experiências, nos reconectamos com aquilo que verdadeiramente somos e assim, reencontramos com a nossa fidelidade sobre a nossa essência, nosso povo, nossas comunidades, nosso chão, e conseguimos assim, enfrentar a vida e suas nuances de crescimento.

É importante frisar que nesse processo de transição de saída de um ensino médio, saída do território, ingresso na Universidade, em seguida se formar e procurar novos rumos e oportunidades, levamos conosco nossos momentos difíceis, momentos de apertos, dores, mas que também levamos os momentos de cura, respeito, interações, compartilhamentos de vivências, ajuda, coletividade, cooperação, e compromisso com os nossos.

Pois durante muito tempo nos fizeram acreditar que a nossa história era originalizada através da dor, mas com o passar do tempo, fomos descobrindo que não, nossos passos vêm longe, as dores fazem parte do processo, com certeza, mas ela é apenas um detalhe no nosso dia a dia, ela sempre nos ensinou que seguir em frente é necessário e possível, que nunca estamos sós, estamos sempre juntos, agrupados, amontoados e firmes como formigueiro.

Fazer a universidade nos reconhecer enquanto sujeitos com o direito ao acesso a mesma, é algo que travamos de forma constante, para mostrar a ela que embora haja empecilhos, nós não iremos recuar na luta, pois só a luta altera o curso das coisas e isso é algo que está sendo colocado em prática quando a presença dos quilombolas na UNILAB é parte do que gera tensão, incomodo, e por outro lado, enriquecimento de saberes, praticas, posturas, descolonização epistêmica, e contribuição a academia e a ciência com toda a sua perspectiva sobre formas, maneiras e expressões voltados o conhecimento, na sua mais infinita possibilidade.

Sobre o destaque da nossa presença na UNILAB, é importante colocar em evidência que em um momento de saída de um governo de extrema direita, onde fortaleceu os grupos que pregam o ódio, a desumanidade, a violência, e a hipocrisia, estarmos juntos na UNILAB, debaixo, de uma missão institucional de cooperação sul, sul, é de uma resistência democrática, na qual a própria UNILAB, não tem a dimensão, cada vida dentro da imersão acadêmica ou não da UNILAB faz parte dessa resistência.

9 AKIOMBANDO NO KILOMBO ANA EUGENIA EM REDENÇÃO E POSTERIORMENTE EM ACARAPE – RELATO DE EXPERIENCIA COLETIVA

Enfrentamos muitos desafios ao ingressar na universidade. A adaptação ao ambiente acadêmico pode ser difícil, especialmente para aqueles que vêm de contextos educacionais desfavorecidos. As barreiras econômicas, sociais e culturais podem dificultar nossa permanência e sucesso no ensino superior. No entanto, o apoio mútuo e a criação de espaços como o quilombo Ana Eugenio são fundamentais para superar essas dificuldades.

O edital específico para quilombolas representa um passo significativo para a inclusão e a promoção da diversidade na UNILAB. O Quilombo (que é a casa) Ana Eugênia desempenha um papel crucial nesse processo, não apenas oferecendo um espaço seguro e acolhedor, mas também atuando como um ponto de apoio onde os estudantes podem discutir suas experiências e desafios. Nesse sentido, esse ambiente contribui para

a adaptação dos quilombolas ao contexto universitário, aumentando suas chances de permanência e sucesso acadêmico.

O quilombo Ana Eugenio começa mais precisamente em dezembro de 2018, com a chegada dos quilombolas do quilombo sítio Veiga, após passarmos pelo processo do edital específico para quilombolas e indígenas na entrada de 2018.2 da UNILAB. É nesse momento que nos integramos com as demais comunidades que já se encontravam na UNILAB antes de nós. Inicialmente ele é originalizado no bairro conjunto Bom Fim em Redenção, um bairro considerado o mais caro da cidade pelo alto valor dos aluguéis de suas casas, nesse local e na casa da Ana eugenia foi criado por nós quilombolas um espaço de escuta, compartilhamento e confluência de experiência vindas do Quilombo e agregadas ao ambiente Universitário.

Fazemos nesse quilombo rodas de poesias, rodas de capoeiras, conversas e conhecimento acerca da realidade da Universidade com toda a sua imersão social, falamos e conhecemos os processos das bolsas permanências, a importância de estarmos sempre juntos e agrupados, o compromisso com as nossas comunidades e com a universidade e que sempre somos e seremos um coletivo de força sem medição.

Nesse espaço, onde o que se faz presente é a circularidade, envolvimento e compartilhamento, bem como afirma Nego Bispo (2023), são cruzados a partir da confluência, diversas pessoas que partem das mais variadas realidades e relações, nele há uma rica e potente interação, seja para defesa de trabalho de conclusão de curso, aniversários, comemoração sobre algo importante a nós, ou reuniões que são de cunho aos movimentos e coletivos que lutam por uma questão comum.

O Quilombo Ana eugenia ganha novos rumos quando se faz necessário ter que mudar em decorrência do valor do aluguel e sobretudo estrutura da casa que por ser pequena não comportava a quantidade de pessoas dentro mesma, então assim ele ganha novo endereço e passa a ser em Acarape, e mesmo assim nós quilombolas o seguimos e continuamos com nossas dinâmicas e atividades de resistência.

Esse quilombo Ana Eugenia foi e é algo de urgência em relação a nossa permanência em momentos de fraqueza alusivo a saudade de casa, nossas famílias, amigos e nosso chão, nele criamos uma relação intrínseca com a geografia e a nossa mente, sempre que nos encontramos estamos geograficamente em nossos territórios, pois quando nos escutamos, seja conversando, cantando e falando estamos longe, mas ao mesmo tempo perto de casa.

É de muito agrado da sociedade nos ver triste, perdendo e sem sucesso a sua própria visão, para nós isso é algo sem fundamento e estamos sempre em busca de alinhar nossas lutas a coletividade, levando conosco aquilo que aprendemos no cotidiano dos nossos territórios quilombolas. É importante ressaltar nesse feito, que estamos sempre sintonizados com nossas comunidades, mesmo estando distantes dela.

para isso de forma natural e necessária criamos o Quilombo na casa da Ana Eugenia, que fica em Acarape, embora muitos de nós moramos no entorno e até mesmo em Redenção, pois desse modo, nos reunimos, discutimos, reclamamos, dialogamos, entramos em conflitos, rimos, discordamos, concordamos e sobretudo construímos a nossa resistência.

Nesses nossos momentos aprendemos as melhores formas de nos articularmos, construímos diversos pontos comuns de semelhanças, aproximações e que não significa homogeneizar, mas sim termos a sabedoria para construirmos coletivamente a resistência.

Sendo esse o período, em que relembremos a nossa história e realçamos os nossos valores ancestrais, consideramos que em momentos de tensões onde os quilombolas e as quilombolas durante suas fugas em massa, de homens e mulheres de determinadas fazendas, pensaram coletivamente e essa estratégia e resistência quilombola faz com o que tenhamos as nossas comunidades vivas até hoje.

O Quilombo Ana Eugênia é um exemplo poderoso de como espaços de revitalização cultural podem complementar políticas de inclusão no ensino superior. Ao fornecer um ambiente de apoio e fortalecimento, mesmo que seja em nossas casas, o quilombo ajuda a garantir que os/as estudantes quilombolas possam não apenas acessar a universidade, mas também prosperar nela. Pois essa combinação de políticas inclusivas e suporte comunitário é fundamental para promover a diversidade e a equidade no ensino superior, mediando assim, a saudade de casa e as exigências da Universidade.

Esse capítulo se estabelece na forma singela de mostrar para quem o lê que nós temos muito a contribuir para a eventualidade da sociedade em si, e na academia não é diferente. Quando não esquecemos de nós em momentos de desespero e dias sem sol, mas compreendemos sempre o espaço um do outro e com isso respeitamos, destacamos que há também em nossa essência o desejo contínuo em ajudar a levantar quando um de nós cai no caminho, reconhecemos também nossos erros, porque sim, nós erramos, pois somos humanos, mas na nossa construção de linhas de fuga aprendemos que somos como formigas em formigueiros e abelhas em suas colmeias, somos sábios, coletivos e quilombolas em nossas ações.

10 QUAIS CONTRIBUIÇÕES OS ESTUDANTES QUILOMBOLAS TEM ALICERÇADO E PRODUZIDO DENTRO DO ESPAÇO ACADÊMICO?

Há dentro do ambiente acadêmico o pensamento de que as ações afirmativas adjunto com as demais políticas de cotas, seja para negros, negras, quilombolas, indígenas, pessoas trans, e as pessoas com deficiência, ao ingressarem na Universidade, contribuirão para uma possível queda no índice de desenvolvimento e rendimento dos demais alunos, ou seja, há nessa imersão uma estereotipação capacitista voltada para esses corpos, que ousam usufruírem de seus direitos sociais, conquistados sobre luta dos diversos grupos de movimentos sociais.

Esse pensamento entra em declínio quando fazemos pesquisas sobre a participação dos mesmos em alusão as atividades que perfazem o cotidiano da Universidade, nesse processo é de suma importância que seja observada quantos quilombolas tem de maneira integrada atuado e construído seu perfil universitário, bem como, suas participações nas atividades da Universidade, atuando assim no ensino, extensão e pesquisa, promovidos como forma de fortalecer tanto o perfil do universitário, quanto seu currículo lattes.

Por tanto, foi elaborado uma pesquisa sobre quais as contribuições dos quilombolas presentes na UNILAB, campos de Redenção - CE, como forma de explicitar o que nos impede de ocupar esse espaço é apenas a negação do acesso e também o pensamento de que nós não atendemos as expectativas daqueles e daquelas na qual podem estar nesse espaço.

Essa pesquisa colabora com diversas outras pesquisas que tem de maneira crescente se estabelecido no âmbito universitário brasileiro, pois, assim, como mesmo afirma o jornal O globo (2024), onde ratifica que os “cotistas têm desempenho melhor do que não cotistas em universidades”, o que de maneira simbólica mais uma vez, reafirma que nós temos capacidades cognitivas para estarmos onde quisermos, e que nós não conseguiremos construir uma universidade diversa se ainda considerarmos discursos capacitistas que mais tem a nos desqualificar e nos manter fora da garantia de nossos direitos, do que dentro da imersão e seguros do que por nós foi conquistado.

Com isso, a pesquisa construída com a pergunta sobre qual a participação dos estudantes quilombolas na UNILAB, pelo google forms, nos projetos de extensão, projetos de iniciação científica, residência pedagógica e programa de Iniciação à docência (PIBID) dentre outros programas ofertados pela instituição. para essa pesquisa foram pesquisadas nove comunidades que estão na UNILAB, tais como como o Quilombo Sitio

Veiga/Quixadá – CE; Quilombo Três Irmãos/Serra da Ibiapaba/Croata; Lagoa dos Crioulos/ Salitre – CE; Quilombo Córrego do Ius; Quilombo Serra da Rajada/Caucaia; Quilombo Serra do Evaristo/Baturité; Quilombo do Batoque/Pacujá.

10.1 Participação dos/as quilombolas em projetos na UNILAB

1. Comunidade Quilombola de Três irmãos: não teve nenhum em projeto algum da UNILAB;
2. Córrego dos Ius: 1 bolsistas de iniciação científica;
3. Quilombo Serra da Rajada: 1 bolsista do projeto de extensão – PIBEAC;
4. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo: 1 foi bolsista do PIBID / 2 foram bolsistas do Programa Residência Pedagógica / 2 são bolsistas de grupos de pesquisa / 1 bolsista de grupo extensão / 3 voluntários de grupos de extensão;
5. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE: Nenhum ingressante participou de bolsas ou projetos de extensão na Instituição;
6. Quilombo Sitio Veiga: 2 bolsistas do programa de iniciação a docência (PIBID), sendo uma dessas pessoas sido bolsista um projeto de extensão e voluntaria em dois projetos de extensão; 1 bolsista do programa Pulsar, sendo a mesma pessoa bolsista de um estágio da UNILAB, 1 bolsista do PIBIC;
7. Quilombo Alto Alegre: 1pibid, 1 iniciação científica.

Acreditamos que nossa presença na universidade contribui significativamente para a diversidade e a inclusão. Trazemos perspectivas únicas que enriquecem as discussões acadêmicas e promovem uma compreensão mais ampla e inclusiva das questões sociais. Nosso envolvimento ativo na universidade ajuda a construir um ambiente mais equitativo e justo.

Nossa presença na universidade não é passiva. Participamos ativamente de diversas atividades acadêmicas e culturais, trazendo nossas experiências e conhecimentos para enriquecer o ambiente universitário. Organizamos rodas de poesia, capoeira e discussões que promovem a troca de conhecimentos entre os estudantes quilombolas e a comunidade universitária em geral. Este engajamento é uma forma de resistência e afirmação da nossa identidade.

11 INGRESSO DE DISCENTES QUILOMBOLAS NO ENSINO SUPERIOR (UNILAB)

O processo de democratização do ensino superior sem dúvidas tem sido guiado e prosseguido mediante as lutas de movimentos sociais com demandas diversas, com questões e aproximações que se interligam no acesso ao ensino superior, que tem, por conseguinte os critérios de quem pode ou não ingressar na imersão acadêmica. Essa questão tem sido discutida cada vez mais nos espaços institucionais por pressão de grupos diversos que buscam sua inserção no campo de disputa do conhecimento, sobretudo de maneira massiva e crescente, dando destaque as questões voltadas as ações afirmativas, nesse sentido para Linhares et al. (2012, p. 04)

A análise e o estudo sistemático da implantação do sistema de cotas pelas universidades públicas justificam-se diante dos dados estatísticos referentes ao restrito acesso da população brasileira ao ensino superior, especificamente da situação desfavorável do acesso das populações afrodescendente e indígena à Educação e, sobretudo, da incompatibilidade dessa situação com a ideia de igualdade, justiça e democracia prescrita na legislação brasileira.

A Universidade tende a ter uma vertente única na produção do conhecimento e conseguinte na validação de epistemologias que são criadas ao longo da trajetória do indivíduo na imersão acadêmica, é necessário reconhecer que os clássicos, cânones e ocidentais tem uma grande importância e relevância no processo de consolidação do campo de disputa do conhecimento, mas é fundamental destacar que quando se tem apenas uma única forma de pensar, ponderar e mediar, o caminho para o epistemicídio de saberes ganha força e preponderância, e nesse sentido, não é atoa em que os saberes dos quilombolas para serem validados passam por uma série de avaliações e análises que, por não terem uma essência acadêmica, o tempo todo sofre depreciação e desvalorização.

(...), percebemos que as epistemologias⁶ negras e quilombolas foram inferiorizadas e negadas pela visão ocidental que assumia a existência de um conhecimento único e universal. O pensamento europeu colonial foi visto durante muito tempo como a única forma de conhecimento, destituindo as outras formas de saberes, principalmente das populações tradicionais. O que fez agravar ainda mais, o não reconhecimento dos saberes ancestrais matriarcais herdados pelas mulheres negras, que foram jogadas à margem da sociedade e foram invisibilizadas pela história e pela ciência. (SILVA, 2021, p. 21-22)

A resistência de povos de comunidades tradicionais na educação tem como quebra inicial o silenciamento que perpassa além da interseccionalidade existente em um só corpo, quando a questão é também falar de pessoas com conexões existentes em um só corpo, esse processo emerge diante de uma ruptura que se estabelece em pro de novas perspectivas para o alcance coletivo de um respeito favorável que não esteja ligado a norma cultural e colonial de enquadramento às normas na construção epistemológica.

A resistência quilombola traz em si um processo de construção que há muito dá na história do País, e que se processa de diferentes modos de acordo com os contextos de cada período. A ocupação das terras brasileiras pelo poder colonial data de mais de cinco séculos. Após a abolição formal da escravidão

(Lei Áurea nº 3.353, de 13 de maio de 1888), levou-se cem anos para que fossem reconhecidos os direitos às terras aos descendentes dos antigos quilombos, através do Artigo 68. (Souza, 2008, p. 14)

Mediante as formas estruturais de grupos que de forma reproduzida se encontram no centro da sociedade, o quilombola, do campo e sobre morador de terras não regularizadas, é algo que em si demonstra tamanha rebeldia as normas estabelecidas que trazem em sua carga posicionamentos específicos que privilegia apenas grupos que se encontram dentro do perfil exigido para então ser considerado indivíduo da sociedade e agente de direitos.

No final do século XIX, com a quebra dos vínculos coloniais e as mudanças decorrentes dos projetos de industrialização no Brasil, o quilombo ampliou-se para outras parcelas da população, indo da voz dos abolicionistas para os movimentos sociais, tornando-se uma parte do projeto político de uma sociedade mais democrática e justa. (Leite, 2008, P. 02)

Os discursos sobre a questão da negação do acesso a educação está diante da realidade visível dos indivíduos que devido a quantidade de vagas para o ingresso de agentes sociais no campo de disputa do conhecimento, foi pertinente que a oferta dessas vagas era e é desigual, essa questão tem sido cada vez mais discutida dentro dos espaços universitários, como forma de Alencar questões que ao serem debatidas ajudam no processo de construção das ações afirmativas e políticas públicas sociais, sobretudo na imersão da Universidade Pública brasileira.

Maluf et al. (2023) destaca que as políticas públicas de ações afirmativas, como as cotas sociais e raciais, desempenham um papel crucial na ampliação do acesso ao ensino superior para grupos historicamente marginalizados, como as comunidades quilombolas. Essas medidas buscam reduzir as desigualdades educacionais, promovendo inclusão e reparação de injustiças históricas, especialmente no contexto do acesso ao ensino superior, que tradicionalmente não foi pensado para atender as necessidades de todos os grupos sociais

Mesmo com as imposições amplas do sistema racista, analisar questões específicas do povo quilombola é de fato algo de extrema importância, pois assim o direcionamento em alusão a compreensão sobre a construção histórica do Brasil, colocando em evidencia processos violentos, tal como a colonização, se perpassa juntamente as questões de empoderamento e lugar de fala, desvinculando-se diretamente da romantização que emerge do corpo estereotipado gerando a percepção de uma indivíduo forte e guerreiro a sua própria realidade, para fazer a quebra dessa visão é necessário tornar os indivíduos como seres protagonistas e não somente sujeitos de estudo.

Compreendendo a educação como parte fundamental no processo de cidadania do indivíduo, e sobretudo ratificando a mesma enquanto um direito, explícito na constituição federal de 1888, como também pela lei de diretrizes e base da educação nacional (LDB – Brasil, 1996) onde garante a distribuição de oportunidades de crianças e jovens no Brasil as instituições escolares. Entende-se, que a educação como direito tem a finalidade de promover a transformação social necessária em um país que é desigual em diversos fatores como, raça, classe, gênero e sexualidade.

Diante disso, a importância do edital específico para quilombolas na UNILAB e com ele a criação de ações afirmativas legitimadas, se dá por diversos motivos, desde a compreensão de que alguns exames não abarcam a realidade das comunidades tradicionais, por questões do acesso precário da própria educação em si, como também para a construção de outras políticas públicas de inclusão no campo universitário, e isso, sempre na presunção de que não é a capacidade cognitiva que separa aqueles/as que têm facilidade de acesso dos que não tem, mas sim as condições que emergem das questões históricas, tendo em vista que a educação é um projeto que se volta apenas para alguns.

Nesse sentido, segundo o Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico raciais (2004), é importante a garantia de que o direito de aprender ensina a escola a reconhecer todos e todas os sujeitos enquanto agentes sociais que sejam valorizados em sua singularidade e identidade. Isso necessariamente implica sobretudo a questão do racismo, que é um dos fatores que contribui no processo de desistência do indivíduo no ambiente estudantil, lhe fazendo entender que aquele espaço não pode ser ocupado por ele.

O acesso ao ensino superior durante muito tempo foi e é algo distante de determinadas populações e grupos historicamente marginalizados, porém, essa questão tem ganhado espaço nos centros de debates sobre a diversidade presente na educação, tendo em vista que as políticas públicas em suas criações visam abarcar as realidades na qual as políticas universais em sua não amplitude falhou.

Para Gomes (2017), as interligações entre políticas públicas e diversidade estão no centro das mudanças do mundo, isso porque há uma forte luta dos movimentos sociais em mudar as dinâmicas de desigualdades e iniquidades na sociedade. Tal questão ganha força no âmbito da diversidade porque compreende que as desigualdades abarcam todos que fogem da norma e que historicamente foram discriminados e marginalizados, como a população quilombola.

Gomes (2017) ratifica, que nos últimos anos o diálogo sobre a diversidade começa a ganhar um espaço significativo na imersão acadêmica e política, pois iniciou-se uma pauta em questões diferentes na qual abarcou a democracia e direitos, essas questões ganharam espaço, e assim, passaram a se tornar uma preocupação social e no campo acadêmico.

A questão democrática só se estabelece nos espaços educacionais quando a mesma alcança todos e todas, com suas trajetórias raciais, sociais e diversas, e isso tensiona os direitos sociais, pois se as ponderações feitas por direitos, como a luta dos quilombolas, e não colocamos os sujeitos que a negação de direitos tenta os subjugar nos espaços de decisões, poder, visibilidade, artístico, cultural e produção de conhecimento, a negação de direitos fica quietinho em seu lugar, nesse sentido os coletivos diversos lutam por questões sociais diversas onde o cerne do debate, é a asseguarção de seus direitos legitimados.

Para Nascimento et al. (2024), o reconhecimento provindo da constituição federal de 1888, onde assegura os direitos políticos e sociais dos povos quilombolas condiz com várias outras possibilidades de compreensão do significado de democratização no Brasil, pois a educação escolar não é apenas o alvo nesse processo, mas sim o ponto imbricado no quesito disputa em um espaço de dominação.

Segundo o ex-Ministro do superior tribunal Federal - STF Joaquim Barbosa Gomes (2001), as políticas afirmativas na sua finalidade, atuam de modo a proporcionar transformações de forma estrutural, cultural, pedagógico e psicológico, tendo em vista, que uma vez implantada nos mais variados segmentos da sociedade, trabalha de maneira assídua para a efetivação de direitos universais, contribuindo assim, para uma flexível mudança provinda daqueles (as), que durante muito tempo utilizou de práticas discriminatórias como regras.

Para Foucault (1975), a escola é um ambiente demarcado por regras, que refletem enquanto uma máquina de ensinar, porém, vigia, hierarquiza e recompensa. Nesse sentido, ratifica Oliveira (2017), que o indivíduo está no cerne nesse processo de controle, que determina os padrões de comportamento estéticos, dentre outros. Gomes (2000), fala que para se fazer presente na escola, é necessário adentrar a um padrão, aderir ao uniforme, cuidar da aparência, requisitos esses que nem sempre se apresentam enquanto uma exigência de um conteúdo racial explícito.

Desse modo, foi desenvolvido uma pesquisa frente ao edital específico para quilombolas e indígenas (sendo os quilombolas o foco da pesquisa), através do google

formas, com perguntas de cunho a compreender a importância do edital específico para o processo de ingresso dos mesmos na UNILAB. Essa pesquisa foi direcionada a nove pessoas que são ou que já foram estudantes da UNILAB, tendo respondido oito, para que os mesmos fizessem um levantamento com perguntas acerca de qual modalidade de ingresso tem favorecido aos quilombolas, para fazer a comparação e se adequar ao objetivo geral desse trabalho.

Questionário de pesquisa - Edital específico para quilombolas e indígenas

1. Comunidade Quilombola de Três irmãos -
2. Córrego dos Ius
3. Quilombo Serra da Rajada
4. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo
5. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE
6. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE
7. Quilombo Sítio Veiga
8. Quilombo Alto Alegre

Ratifico que foram nove comunidades entrevistadas através da pesquisa pelo google forms, de modo a se ter um melhor retorno em termos quantitativos, porém das nove, apenas oito obtive respostas.

9. Comunidade Quilombola de Três irmãos – Duas estudam atualmente
10. Córrego dos Ius - 01
11. Quilombo Serra da Rajada – 2 pessoas
12. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo - 27
13. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE – apenas uma pessoa atualmente
14. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE - 5
15. Quilombo Sítio Veiga - 9
16. Quilombo Alto Alegre – 15

Essas respostas implicam sobre o impacto do edital específico da UNILAB, e também sobre as ações afirmativas voltadas para quilombolas, sendo elas criadas pós cancelamento do edital específico para quilombolas e indígenas, tendo em vista que as mesmas foram construídas pela tensão dos coletivos que fazem parte da UNILAB.

17. Comunidade Quilombola de Três irmãos - Nenhuma
18. Córrego dos Ius - Nenhuma

19. Quilombo Serra da Rajada - Nenhuma
20. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo - Nenhuma
21. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE - Nenhuma
22. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE - Nenhuma
23. Quilombo Sítio Veiga - Nenhuma
24. Quilombo Alto Alegre – 1 pessoa

Nesse sentido, o resultado explicitado nessas respostas ressalta sobre como a falta de uma política de ação afirmativa na UNILAB, implicava na não presença de forma massiva na mesma, fazendo assim manutenção de ausências dos quilombolas.

25. Comunidade Quilombola de Três irmãos – 02 pessoas
26. Córrego dos Ius - 1
27. Quilombo Serra da Rajada - 2
28. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo - 16
29. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE - apenas 1 pessoa
30. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE - 5
31. Quilombo Sítio Veiga - 8
32. Quilombo Alto Alegre – 5

Desse modo, essa pesquisa implica sobre a eficiência do edital específico para quilombolas e indígenas, sendo ele o pioneiro em relação a uma forma direcionada a esses grupos para ingressar na UNILAB, tendo como resultado, o edital específico como uma política de ação afirmativa na qual demonstrou ser uma forma positiva para o ingresso de estudantes quilombolas na instituição pesquisada.

33. Comunidade Quilombola de Três irmãos - 1 através do sisure , e 1 através do sisu
34. Córrego dos Ius - 00
35. Quilombo Serra da Rajada - Nenhuma pessoa
36. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo - 3 através SISU, 8 através SISURE
37. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE - Nenhum ingressante
38. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE - 0
39. Quilombo Sítio Veiga - 0
40. Quilombo Alto Alegre - 5 sisure, 4 sisu

Essa pesquisa teve como foco analisar quais métodos que não sendo o edital específico da UNILAB, obtiveram um resultado significativo após o cancelamento do edital citado, tendo como resposta final na observação, que com o edital a entrada de forma massiva dos agentes pesquisados era mais pertinente.

- 41. Comunidade Quilombola de Três irmãos - 00
- 42. Córrego dos Ius - Nenhuma pessoa
- 43. Quilombo Serra da Rajada - Nenhum
- 44. Comunidade Quilombola Serra do Evaristo - Nenhum ingressante
- 45. Quilombo de Batoque, Pacujá-CE - 0
- 46. Comunidade Lagoa dos Crioulos - Salitre CE - 0
- 47. Quilombo Sítio Veiga - 1 Pelo sisu
- 48. Quilombo Alto Alegre - 5 sisure, 4 sisu

Tendo como foco a análise de ingresso dos estudantes quilombolas na UNLAB, essa pergunta teve cunho a observação de quantos quilombolas participaram do edital, tendo como forma de ingresso as outras modalidades enquanto o mesmo ainda estava em vigor, o resultado, mesmo que obvio, demonstrou sobre como o edital específico fez um chamamento positivo em relação as demais formas de ingresso na UNILAB dos agentes pesquisados.

12 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação desse trabalho, encaminhou-se em analisar e verificar a dimensão da importância do edital específico para quilombolas e indígenas e como os quilombolas têm atuado no ambiente acadêmico, de modo a explicitar as suas contribuições no processo de ensino/aprendizagem e transcendência desse espaço que durante muito tempo não tinha a presença desses agentes sociais.

No processo de alcançar um resultado esperado de acordo com os objetivos da pesquisa, a mesma se voltou aos essenciais agentes sociais que estava no cerne de análise da investigação, como os (as) quilombolas de nove comunidades presentes na UNILAB até o semestre de 2024.1, sendo eles, Quilombo Sítio Veiga/Quixadá – CE; Quilombo Três Irmãos/Serra da Ibiapaba/Croata; Lagoa dos Crioulos/ Salitre – CE; Quilombo Córrego do Ius; Quilombo Serra da Rajada/Caucaia; Quilombo Serra do Evaristo/Baturité; Quilombo do Batoque/Pacujá; Quilombo do Cumbe.

Por fim, entende-se que de fato o ingresso de quilombolas na UNILAB tem maior percentualidade quando realizado mediante ao edital específico, porque considera, bem

como ajuda esses agentes sociais e também a Universidade entender que as ações afirmativas nada tem a ver com a capacidade cognitiva, mas sim com a oportunidade de pessoas ingressarem nesse campo de disputa do conhecimento, como forma de reparação histórica e por conseguinte explicitar para a população brasileira de que é possível tornar a Universidade um ambiente diverso, inclusivo e acolhedor.

Nesse sentido, o resultado da análise sobre a contribuição dos quilombolas na UNILAB, também se ressalta neste trabalho como forma de ratificar que para além da presença dos estudantes quilombolas na sala de aula, há também competências e habilidades por parte destes (as) estudantes que precisam ser levados em conta, como as suas participações em projetos de pesquisa, projetos de extensão, projetos de iniciação a docência dentre outros.

REFERENCIAS

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília:** Presidência da República, 20 dez. 1996.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).** Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

BRASIL. **Senado Federal.** *Projeto de Lei n.º 1.958, de 2021.* Dispõe sobre a reserva de 30% das vagas em concursos públicos federais para negros, indígenas, quilombolas e outros grupos minoritários. Autor: Senador Paulo Paim. Brasília, DF: Senado Federal, 2021.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir.* Petrópolis: Vozes, 1975.

FIGUEIREDO, Otto Vinicius Agra. Acesso de indígenas e quilombolas na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. **In: Cadernos do Lepaarq**, v. XVI, n.31., p. 176-191, Jan-Jun. 2019.

FERREIRA, Nara Torrecilha. **Desigualdade racial e educação: uma análise estatística das políticas afirmativas no ensino superior.** *EDUR - Educação em Revista*, v. 36, e227734, 2020.

FERREIRA, Antonio Jeovane da Silva; SANTOS, Eliane Costa; COSTA, Jacqueline da Silva. Ingresso de Quilombolas e Indígenas na Unilab: Uma proposta que nasce no Quilombo Sítio Veiga – Quixadá/Ce. Horizontes. **Revista de Educação.** Dourados-M5, v. 9, n. 18, 2022.

GOMES, Nilma Lino. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural? **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 21, p. 40-51, set./dez. 2000.

GOMES, Joaquim Benedito Barbosa. **Ação afirmativa e princípio constitucional da igualdade: o direito como instrumento de transformação social: a experiência dos EUA**. Rio de Janeiro: Renovar, 2001. 444 p.

GOMES, Nilma Lino. **Políticas públicas para a diversidade**. Belo Horizonte, v. 8, n. 15, p. 7-22, jan./jun. 2017. ISSN 2177-6342.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 2. reimpr. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, Ilka Boaventura. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 424, set./dez. 2008.

LINHARES, Milton; HAAS, Celia Maria. **Políticas públicas de ações afirmativas para ingresso na educação superior se justificam no Brasil?** *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 93, n. 235, p. 836-863, set./dez. 2012.

MALUF, Sâmia Nagib et al. Política pública de acesso ao ensino superior na percepção de beneficiários quilombolas em Serra do Evaristo, Baturité, Ceará. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 14, n. 5, p. 7978-7998, 2023.

NASCIMENTO, Matheus Monteiro; ALVES-BRITO, Alan. *Educação escolar quilombola e o acesso ao ensino superior público brasileiro*. **Revista Thema**, v. 23, n. 1, p. 205-223, 2024.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. *O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação*. 2017. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

O GLOBO. *Cotistas têm desempenho melhor do que não cotistas em universidades, aponta Censo*. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2024/10/03/cotistas-tem-desempenho-melhor-do-que-nao-cotistas-em-universidades-aponta-censo.ghtml>.

SOUZA, Bárbara Oliveira. *Aquilombar-se: panorama histórico, identitário e político do Movimento Quilombola Brasileiro (TESE)*. 2008.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. Imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

SILVA, Ana Maria Eugenio da. *As quilombolas do Sítio Veiga e a dança de São*

Gonçalo em Quixadá-Ce. Redenção, 2021.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). Plano de Desenvolvimento Institucional 2023-2027.

Redenção: UNILAB, 2023. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2023/06/PDI-2023-2027-Pagina-individual.pdf>.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB). Resolução Consuni-Unilab nº 40, de 20 de agosto de

2021. Disponível em: <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/08/Acoes-afirmativas1.pdf>.

APÊNDICE A – Questionário sobre quais comunidades estão presentes na UNILAB – CE de 2017.1 até 2024.1 e quais as formas ingressos dos quilombolas na mesma.

1. A qual comunidade quilombola você faz parte?
2. Quantas pessoas da sua comunidade quilombola estudam ou já estudaram na UNILAB?
3. Quantos membros da sua comunidade quilombola estavam matriculados na UNILAB antes da criação do edital específico para quilombolas e indígenas? Se houver algum, de que forma eles ingressaram na universidade?
4. Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB após a criação do edital específico para quilombolas e indígenas?
5. Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB após o cancelamento do edital específico? Por favor, quantifique o número de pessoas por modalidade de entrada (por exemplo, 2 através do SISU, 1 pelo SISURE, 3 como graduados ou transferidos).
6. Quantos membros da sua comunidade quilombola ingressaram na UNILAB por modalidades de ingresso diferentes do edital específico, enquanto esse edital ainda estava em vigor? Por favor, liste a quantidade de pessoas e a forma de entrada (por exemplo, 2 através do SISU, 1 pelo SISURE, 3 como graduados ou transferidos).